ANNO V
NUMERO 219

Paratodos...

Parc Royal

TOILETTES DE VERÃO

ULTIMAS NOVIDADES

ULTIMOS PREÇOS

Vestido de voile, bordado	42$000
Costume de linho	85$000
Vestido de épongé, modelo da Moda . .	98$000
Vestido de linho bordado	105$000
Vestido de crépon, bordado á Moda . . .	115$000
Vestido de crépe da China, qualquer côr	175$000

DISTINCÇÃO—ELEGANCIA—ECONOMIA

A's sextas-feiras: SALDOS E RETALHOS
em todas as secções

Aos freguezes do Interior:

Peçam catalogos, amostras, informações, etc.

FILIAES : EM BELLO HORIZONTE, RUA DA BAHIA, 894;
EM JUIZ DE FÓRA, RUA HALFELD, 807

Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO
DE
MENDEL
O Pó de Arroz Mendel cada dia mais se impõem em todos os toucadores pela sua excellente qualidade que avelluda e perfuma a pelle, sem ser preciso o uso de cremes ou pomadas para adherir.
O PÓ DE ARROZ MENDEL
é hygienico e economico.
Usa-se nas cores branca, rosa para as claras de pouca côr, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (creme) para as morenas.
Vende-se em todas as perfumarias e casas de primeira ordem.
Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua Sete de Setembro n. 107 - 1°. andar
TEL. C. 2741
RIO DE JANEIRO
Deposito em S. Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50
MENDEL & Cia.

UM CONTO PARA TODOS

A HISTORIA DO FANTASMA INEXPERIENTE

por H. G. WELLS — (Continuação).

E' a verdade, senhor. Tentei varias vezes, mas não consigo. Escapou-me qualquer coisa, que ja não posso encontrar. Era realmente transtornante, como vêdes. Olhava-me elle com um ar tão miseravel que por nada no mundo eu seria capaz de conservar o tom autoritario que adoptára. "E' exquisito," disse eu, e, emquanto falava, pareceu-me ouvir alguem que se movia em baixo. "Venha então ao meu quarto, e conte-me isso, disse como decisão, porque, em summa, eu ainda não comprehendo nada". Tratei de agarral-o pelo braço. Mas, naturalmente, o mesmo seria querer agarrar uma baforada de fumo. Creio que me sahira tambem da memoria o numero do meu quarto. Em todo caso, lembro-me de ter entrado em varios quartos, antes de encontrar as minhas malas... Era uma sorte achar-me eu só n'esta ala do edificio. "Eis-nos á vontade", disse. E estirei-me n'uma poltrona. "Sente-se e conte-me esssa historia. Parece-me, meu caro, que você se collocou n'uma situação singular". Respondeu-me que preferia não sentar-se, que lhe agradava mais se isso não me incommodasse, vagar a seu bel prazer pelo quarto. Não vi inconveniente e, dentro em pouco, estavamos entretidos n'uma longa e séria conversação. Em breve dissiparam-se as névoas do whisky, e eu principiei a compenetrar-me de que estava mettido n'um caso notavelmente extranho.

Alli, deante de mim aquelle fantasma, em tudo conforme á tradição, e silencioso, não se falando na sombra da sua voz, fluctuava por aqui e por alli no quarto recoberto de panno estampado. Atravéz d'elle eu percebia o brilho dos candelabros de cobre, os reflexos da luz sobre o guarda-fogo de cobre amarello e nos angulos dos quadros presos á parede, e elle me contava a sua vidinha miseravel que havia pouco terminára na terra. Os seus traços nada tinham de especialmente distincta. como já sabem; mas, como era transparente, não podia senão dizer a verdade.

— Hein? — exclamou Wish, endireitando-se de repente na poltrona.

— Que? — perguntou Clayton.

— A sua transparencia... que o obrigava a dizer a verdade... Não vejo muito bem a relação.

— Nem eu, — replicou Clayton, com uma impagavel segurança, — mas é assim, posso afiançal-o. Não creio que elle se afastasse da verdade verdadeira nem o comprimento d'uma unha. Contou-me de que modo morreu... Descêra a um subterraneo, com uma véla, para procurar um escape de gaz. Ao tempo em que foi assim liberto da existencia, elle era, como me declarou, professor n'um instituto particular de Londres.

— Pobre diabo, — disse eu.

— E' o que eu pensava tambem, e quanto mais elle me falava, mais o julgava eu. Passára a vida sem uma finalidade, e assim se encontrava fóra da vida. Falou com amargura dos paes, do mestre-escola, de todos aquelles que com elle haviam tido quaesquer relações.

Demasiado sensivel e nervoso, nunca ninguem o apreciára, nem comprehendêra, assegurou-me. Jamais tivera um amigo verdadeiro no mundo, como não tivera nenhum triumpho, abstivera-se dos divertimentos e dos prazeres, e fracassára em muitos exames. "Ha pessôas que são assim, explicou-me. Cada vez que eu entrava na sala dos exames, perdia a cabeça".

Era noivo, naturalmente, (d'uma joven tambem sensivel em excesso), quando o desgraçado escape de gaz pôz fim aos meus amores. "E onde está agora? perguntei: Não está

no inferno?" Não foi muito claro n'este ponto, mas deu-me a impressão de estar situado n'uma especie de vago estado indeterminado, intermediario, n'uma reserva especial para as almas muito neutras, e incapazes d'uma escolha positiva entre o vicio e a virtude. Mas não estou certo de nada.

Era demasiado egoista o fantasma, e indifferente, para fornecer-me uma idéa precisa da especie de logar, da especie de região que se acha no além-tumulo. Em todo caso, parece que elle se ligára com um bando de espiritos do seu genero: fantasmas de jovens fracalhões da cidade, munidos dos mesmos nomes de baptismo. Entre si, deviam frequentemente falar em fazer apparições e exercicios semelhantes. Sim... "fazer apparições". Pensavam que devia ser cheio de aventuras divertidas, e, comtudo, todos tinham receio d'isso, e não ousavam arriscar-se. Não foi senão sob as mais fartas investigações e os mais energicos desafios que o meu individuo tivera o topete de experimentar.

Não é possivel! — disse Wish olhando sempre para as chammas.

— Seja como fôr, as impressões que eu recebi são essas, — continuou Clayton modestamente. — E' provavel que eu me encontrasse então n'um estado pouco favoravel ao discernimento, mas foi sobre este plano que elle se desenhou. Não cessava de fluctuar e de falar com o seu fiosinho de voz... Falava, falava da sua lamentavel pessôa, sem dar nunca uma phrase precisa, um facto nitido e evidente. Era mais amigo de minudencias, mais insipido e mais idiota, que se fosse vivo e real. Mas, se elle estivesse vivo, como comprehenderão, eu não o teria tolerado no meu quarto, e a pontapés o teria expulso de lá.

— Sim, com certeza, — commentou Evans, — ha pobres mortaes que são assim.

— E é egualmente plausivel que, como os outros, elles tenham fantasmas, — observei.

— O que lhe emprestava algum interesse, é que elle parecia a todo momento prestes a pôr o dedo na difficuldade. A desagradavel aventura em que cahira causára-lhe uma terrivel depressão. Haviam-lhe dito que seria uma adoravel brincadeira; n'essa esperança é que elle viera, e eis que não conseguira senão ajuntar mais uma derrota á sua lista. Aliás, elle admittia ser um falhado em toda a linha.

(*Continúa no proximo numero*)

Casa Colombo

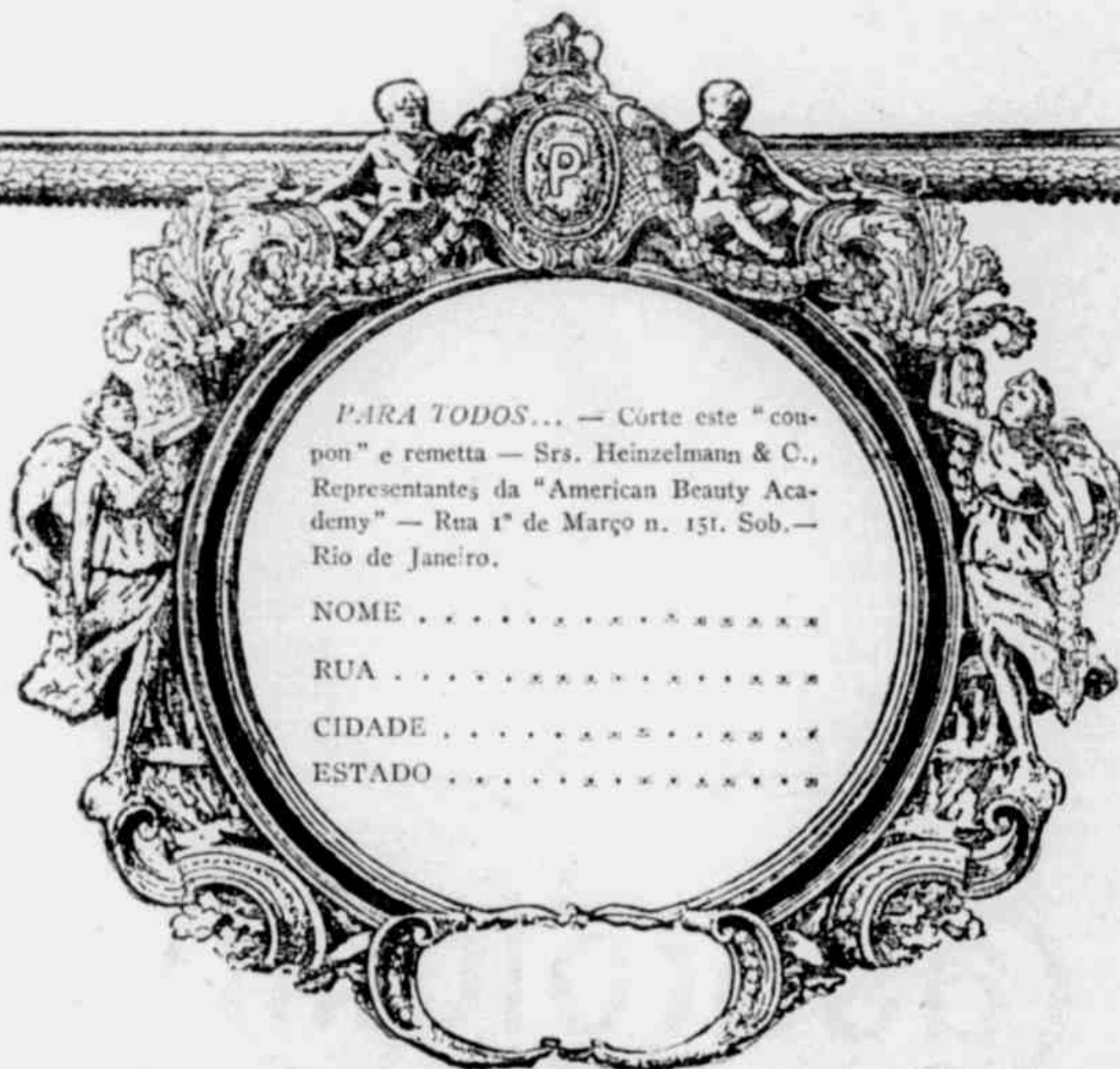
POLLAH

CREME

NÃO EXISTE MULHER BONITA QUE NÃO SINTA O ORGULHO FERIDO QUANDO AS AMIGAS DEIXAM DE VOLTAR-SE PARA VEL-A PASSAR. "POLLAH" CONSERVARA' A BELLEZA DO SEU ROSTO, MUITO ALEM DA PRIMEIRA JUVENTUDE.

ELIMINAÇÃO RAPIDA DE SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, CRAVOS, VERMELHOES E TODAS AS IMPERFEIÇÕES DA PELLE.

O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da forma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida sem quasi perceber-se os póros: branca ou morena, conforme a pessôa, porém de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas; emfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CREME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo: e devido a esse resultado é que o CREME POLLAH, da AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana da Belleza), está cada vez sendo mais procurado em todo o mundo.

O CREME POLLAH encontra-se na Casa Crashley & C. Ouvidor 58, e nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o *coupon* abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1º. de Março, 151 — Sobrado. Rio de Janeiro.

Para todos...

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1923

FOLHA MORTA

O meu canto, muito quieto, eu via, diante de mim, lá-longe, a figura de certa mulher desconhecida, toda envolta num verde amarelento, do verde que têm as arvores, quando é outono. E de repente veiu até ao meu canto, a caminhar com uns passos rapidos, continuos, rythmados do mesmo som de gottas d'agua cahindo. — Perdôe. Eu queria um pouco de cocaina... oh, muito pouco... que chegue apenas para esta unha e um sorvo. Estendeu as mãos: — Não tem?... — Não tenho. — E em casa? — Tambem não... — Pois pensei. O seu geito é distrahido, é triste... Exquisito! não atino a lembrar com quem, mas o senhor se parece com qualquer pessoa que conheci... Sentou-se: — Deve ser muito desgraçado, não é? — Absolutamente! — Ah! E eu ia tratal-o por tu... Já não posso... Diga-me que é muito desgraçado... — Se isso te dá prazer... — Tanto! — Então sou... Agora bebe, fala, conta a vida... — A vida!... Encovou a cabeça nas mãos. Os olhos se estagnaram, fundos, inertes. Na salo agglomerada, o delirio crescera. Gritos, risos em todas as vogaes, rolhas estourando, sapateios. E entre a algazarra que as serpentinas, os guizos, as matracas faziam mais confusa, um tango languido se esgarçava. — A vida!... E como acordando: — Queres saber? Quando eu era pequena, ás tardes, mal escurecia, vinham bater ao nosso quarto. A visinha do 41, uma grande, muito magra, avisava do corredor: "Despacha-te. São horas de andar á vida". Mamãe sahia: "Até logo. Dorme". Pudesse eu dormir... Perdia o somno, a imaginar que a vida era um caminho longo... longo... por onde as creanças não andavam... Que vontade me tomava de ir tambem andar á vida. Afinal, uma noite, eu tinha 13 annos, puxei a porta, desci os degráos. Onde seria?... onde seria a vida?... Puz-me a vagar, a descobrir. Era quasi inverno. O frio me gelava. Caminhei... Caminhei... Acharam-me de manhã, desmaiada num banco, junto a uma arvore, coberta pelas folhas que tinham cahido. Appelidaram-me Folha Morta. E eis ahi: Folha Morta, o meu nome, a minha vida... Ora, isso foi em Maio que eu escutei. Em Maio, a gente se enternece por tudo... por uma garota que vende flores... por um realejo que esmigalha a saudade de uma melodia... por um perfume que se reencontra... pelo luar... sei lá! por tudo... E' um costume. E aquella historia simples, dolente, me abalou. Passaram-se mezes. Nunca mais avistei a rapariga. Hontem, entrando num restaurante, dei com ella, vestida pobremente, ao lado de um senhor já velho, que comia cerejas. Não me viu. Fui para uma mesa perto. Quando as cerejas terminaram, o senhor perguntou: Como te chamas? — Yvonne. — Ha muito tempo que andas assim? — Oh! não, senhor! Se o senhor adivinhasse... Eu sou de uma familia nobre. Nobre, sim, senhor! Desentendi-me em casa, por que não consentiam que eu seguisse a minha vocação. Eu nasci para actriz! Mas, encontrou o meu olhar, fez um ar espantado e alegre, atirou-se para mim: — Oh! tu!!... Como eu tenho te procurado, meu pequeno... Precisava dizer-te que me lembrei. Nem suppões com quem te pareces... Com minha mãe, meu pequeno! Tu te pareces escandalosamente com minha mãe!...

ALVARO MOREYRA

AIS *alguns mezes, o leitor que passar pela rua da Misericordia, proximo á igreja de S. José, não se recordará do que aquillo foi. Naquelle logar (hoje um montão de ruinas, de muros esboroados), surgirá um monumento artistico, creado por um cerebro moço; o milagre se assemelhará á fabula de Aphrodite: d'aquella poeira branca surgirá o novo palacio da Camara dos Srs. Deputados...*

Archimedes Memoria, que com tanto talento succedeu a Heitor de Mello na cathedra de architectura da nossa Escola de Bellas Artes, é o creador do novo conjunto de Belleza.

Pouca cousa resta do velho casarão. Ainda ha bem poucos dias vimos a placa commemorativa da sahida do martyr JOQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER *para a forca, ali collocada pelo Club Tiradentes, em 21 de Abril de 1892. Era a unica reliquia, a unica recordação de um martyrio soffrido ali, dentro dos muros que os seculos não ousaram abalar...*

Quem prestar um pouco de attenção, ouvirá o retinir metalico das picaretas, manejadas por pulso forte, sobre aquella argamassa ferrea que os coloniaes preparavam: uma especie de gala-gala composta de cal do reino e oleo de baleia. Sentirá naquelle retinir o rumor de correntes, os gemidos do martyrio dos enclausurados de Maria I...

TERRA CARIOCA

A ANTIGA CAMARA DOS DEPUTADOS

Visitámos uma vez o vetusto casarão, recordamo-nos muito bem da época em que isso foi: o saudoso pintor patricio, Arthur Timotheo da Costa, pintava em companhia do seu irmão, João Timotheo, o grande panno de bocca do Theatro S. Pedro de Alcantara. Corremos tudo. Lobrigámos na obscuridade dos corredores, vestigios da estadia da Camara dos Deputados. Fomos ao subterraneo, lá existia ainda um resto dos archivos da mencionada Camara, vimos o carcere do precursor da Republica. Debaixo das abobadas centenarias, sentimos o heroismo daquelle martyr, repugnou-nos a maldade e a intriga das côrtes de D. Maria I. Fóra, na tarde de sol, os sinos de S. José, numa alegria que fazia mal, badalavam; badalavam rythmadamente em carrilhão...

Do seio daquellas paredes de uma grossura brutal, sahiam sons amortecidos; sons dos sinos do campanario da Misericordia, *proximo á* Casa do Trem, *murmurios de preces, dos Padre-Nossos e das Aves-Marias, rezadas por alma do martyr. Os sons ficaram nos muros, entre as frinchas das pedras, como estilhas do passado, e ainda hoje retinem ao contacto do ferro dos alviões...*

Olhavamos os desenhos caprichosos da humidade artista. Ella nos dizia tanta cousa, avivava na nossa memoria O carrasco negro, *uma maravilhosa chronica de Pires de Almeida:*

"No momento, porém, em que o Inconfidente, pela derradeira vez, encarou a multidão, que elle julgara talvez capaz de proclamar, nesse dia a nova patria de um povo alentado e independente, vendo-a impassivel e fria, envolveu-a em compassivo olhar, que valia bem por uma piedosa injuria; e assim, o martyr, semblante livido, cabellos em anneis, barba bipartida e mãos roxeadas, pareceu-me não o herõe da Inconfidencia, mas a figura sacrosanta do Nazareno, quando, subindo o Calvario, se foi entregar á morte pela salvação da Humanidade; e, para que a illusão fosse completa, as estacas ali fincadas para a execução transmudaram-se, cruzando-se, no pesado lenho do Martyr do Golgotha."

....

"Tiradentes quiz absolver-se; mas, a um signal do Capellão, o Credo findara antes do tempo; rufaram lugubres os tambores, de modo a abafar estas ardentes palavras: "Viva a liberdade!"

A historia da Cadeia Velha *é toda caprichosa, caprichosa como aquella ren-*

A antiga Camara dos Deputados, demolida ultimamente.

da de Bruges que Alvaro Moreyra cantou e Serena teceu !

Naquelle immenso casarão residiram tradições, desenrolaram-se episodios de grande valia da nossa historia. Vieira Fazenda, com a sua autoridade, garante-nos que em 1672 a cadeia foi naquelle local; o historiador baseia-se na escriptura "de troca de bens entre monges de S. Bento e Clemente Martins de Mattos". Outros detalhes pittorescos, ainda nos fornece o illustre historiador; a respeito da criadagem do Principe Regente, elle nos conta: "Grande foi o susto soffrido pelo Principe Regente, quando na Bahia, soube que se preparava tambem a Cadeia para receber aqui a Familia Real.

E' que o feio, pesado e pouco esthetico casarão da rua da Misericordia, onde estava a prisão publica, tinha sido destinado para hospedar a criadagem do Paço, ligando-se para esse fim, por ordem do conde dos Arcos, ao palacio dos vice-reis, por um passadiço que foi destruido em 1822.

Taes foram as scenas escandalosas que ahi se deram ,fazendo dessa casa bem como da opera de Manoel Luiz, uma verdadeira Torre de Babel, que o povo denominou America Ingleza como synonymo de Casa de Orates."

Moreira de Azevedo nos dá informações precisas da topographia do velho edificio: "Occupavam as prisões o pavimento terreo, e para beneficio dos presos se construira a capella de Jesus, por esmolas deixadas no testamento de João Ribeiro Corrêa, e bemzida em 22 de Dezembro de 1710, pelo conego Miguel de Noronha da Camara, servia para a celebração da missa em dias de preceito, deixando para esse fim, o bemfeitor Corrêa, um predio situado defronte da Cadeia. No fim de alguns annos a capella desappareceu, e por isso instituiu-se dentro do edificio da Cadeia um altar, cujo capellão era sustentado pelo referido patrimonio. Não se sabe hoje de que lado ficava a capella de Jesus, e qual a applicação dada ao patrimonio de Ribeiro Corrêa. O edificio da Camara e Cadeia apresentava do lado da rua da Misericordia uma escada de dois lances com um patamar na porta superior; pela escada voltada para a igreja de S. José subia o Sacramento e desciam os padecentes, e em frente dessa escada estava o pelourinho, que em 1808 foi removido para o largo do Rocio."

O passadiço construido pelo conde dos Arcos foi destruido em 1823, passando o casarão para a séde das reuniões da assembléa constituinte, "que, segundo o historiador Moreira de Azevedo, foi convocada por decreto de 3 de Junho de 1822, e fez a sua primeira reunião em 17 de Abril de 1823 com cincoenta e tres deputados; aberta em 3 de Maio, foi dissolvida em 12 de Novembro, sendo presos á porta da assembléa cinco deputados e um em sua casa, os quaes foram desterrados no dia 20 para a França".

D. Maria I, que mandou executar "Tiradentes"

Placa commemorativa da sahida de "Tiradentes" para a forca.

Bibliotheca Nacional, onde está actualmente funccionando a Camara dos Deputados.

Em 1699, porém, já a Camara ali funccionava, isso se deprehende de uma consulta sobre o tratamento dos Lazaros. Vieira Fazenda assim se refere ao assumpto: "No tempo do governador Arthur de Sá e Menezes, em 1699, a Camara, consultada si podia se encarregar do tratamento dos Lazaros, respondia nada poder fazer, porquanto não tinha dinheiro para concertar a sua casa, por cima da Cadeia, prestes a desabar".

Na historia do vetusto edificio, contam-se factos curiosissimos: em 1856, houve um julgamento famoso que durou de 11 a 15 de Abril, o dos réos do processo do barão Villa Nova do Minho, não havendo repouso, mesmo durante as noites. Outro facto curioso foi o occorrido em 1823. No dia 3 de Maio, compareceu á assembléa o inconfidente José de Rezende Costa Filho, que fôra condemnado á morte, porém, teve a pena commutada em dez annos de degredo na ilha de Cabo Verde. Em 3 de Setembro de 1829, no recinto, por occasião do encerramento da assembléa geral extraordinaria, D. Pedro I pronunciou a fala que tanto pasmo causou: "Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

Está fechada a sessão.

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil".

Essa, foi a primeira convocação extraordinaria da assembléa legislativa, cujos debates foram agitadissimos; a attitude de muitos dos membros da assembléa, muito irritaram S. Magestade D. Pedro I, dahi a fala irritada com que fechou a sessão. Ultimamente, apezar do detestavel estado em que se encontrava o vetusto edificio, era ainda cubiçado por uma centena de instituições; e, francamente, muito me admira que não tenha sido, conforme os nossos velhos habitos, adaptado para qualquer fim.

Nos baixos da Camara funccionaram varias repartições publicas: a Imprensa, então Typographia Nacional, até 1860; em 4 de Novembro de 1861, installou-se a Caixa Economica e o Monte de Soccorro, de onde sahiu para o local onde se encontra hoje.

Ultimamente, estava installada no velho casarão, uma associação, si não nos falha a memoria.

E assim é a historia do logar onde nasceu a Constituição de 1823, e que em breve dormirá na memoria dos nossos leitores...

Fevereiro, 1923.

ERCOLE CREMONA.

UM MILAGRE

— Pensam que uma sogra quando passa na rua sem ninguem ao lado, vae só? Fiem-se nisso. Leva sempre o diabo mettido no corpo!

Assim bramava o Felisberto, com dentes cerrados e punhos a esmurrar o espaço, nos momentos de desesperação.

E motivos para taes desabafos não lhe faltavam. Era uma epopéa de amarguras a vida desse infeliz marido.

O seu lar, — desde que para lá se foi encaixar a mãe da esposa, — trasformou-se num chaos, num verdadeiro inferno. Tudo andava de pernas para o ar. Não tinha um segundo de tranquillidade. Ouvia descomposturas e pragas desde que sahia da cama, pela manhã, até que entrava na dita, para dormir, á noite!

A esposa era uma empada, sem energia de especie alguma. Mal desabava a borrasca, encolhia-se medrosa e disparava a tremer, não tomando as dôres, — nem por um, nem por outro.

Elle, comsigo, colerico, bilioso, dizia sempre, sacudido pela raiva:

— De repente saio fóra do sério, estouro, faço uma explosão de levar tudo pelos ares...

Mas, qual! Não estourava, nem saltava fóra do sério. O que fazia era baixar a grimpa, tomar o chapéo e, a passo largo, ganhar a rua!

Até á porta ainda vinha acompanhado pela megéra, que de cima, do patamar, não parava de despejar-lhe o rancor:

— Vae, libertino! vae, cousa ruim! vae por ahi mostrar a toda a gente essa cara lavada e sem vergonha...

Numa das occasiões, em que, desnorteado, errava ás tontas, sem saber que rumo tomar, viu a igreja aberta e enfiou-se por ella a dentro.

Parou em frente ao primeiro altar, e, por um acaso, notou que nesse nicho, morava o santo do seu nome. Teve uma inspiração — cousa que não lhe acontecia ha muito. Ajoelhou-se devotamente e, em voz contricta, apresentou seu requerimento:

— Meu glorioso S. Felisberto, tem pena do teu tocaio, que vive em brazas e a soffrer sem tréguas. Arranja-me ao menos uma paralysia ou cousa semelhante, que dê para endurecer a lingua daquelle estupor, que veiu ao mundo para me moer os dias e encher-me a vida de peccados negros.

E, illusão ou não, — o que é facto, — é que viu distinctamente o santo suspender e baixar a cabeça, como dando signal que accedia á supplica.

Levantou-se, alvoroçado, e cheio de esperança deitou a correr. Ao chegar á casa, a surpresa que o esperava foi tão estupenda e grande, que quasi o levou ás nuvens.

Na sua ausencia, a sogra tivera uma cousa exquisita, que lhe deu uns esticões por todo o corpo até deixal-a como ainda estava: — calada e sem movimento.

Foi se approximando, passo a passo, pusillanime, medroso, com receio que ella lhe fizesse a surpresa de cahir-lhe em cima. Mas não. A velha continuava tesa, sem dar acordo, com os olhos parados e o beiço cahido. Então, creou alma nova e gritou-lhe aos ouvidos, como se falasse a um surdo:

— Sou eu, D. Bibiana, o seu genro, a quem a senhora trata com tanta consideração e estima...

E ainda de pé atrás tornou a recuar esperando que a tempestade desabasse, trazendo como raio a sogra, de bocca aberta para engulil-o inteiro. Vendo que ella não se mexia nem fazia um vago movimento, creou coragem e avançou resoluto:

— Que?! Ella não berra, não descompõe?! Então, não ha duvida: virou os olhos do avesso e entrou na furada...

E, não cabendo na pelle de contente, fez uma pirueta em passo choreographico, mas acudindo-lhe a divida sagrada que tinha contrahido, dobrou a cabeça p'ra traz e abrindo os braços em attitude mystica, exclamou com radiante reconhecimento:

— Obrigado S. Felisberto. Deus Nosso Senhor te ajude, como me ajudaste a mim. Quando precisares, — seja o que fôr, — é só dizeres sem acanhamento, que cá tens um criado activo e sempre ás ordens. Nunca imaginei que fosses tão bizarramente franco. Eu já me contentava com um pedaço, mas foste logo me dando o quinhão inteiro. Muito melhor assim, e mais uma vez: — obrigado.

E esfregando as mãos com alvoroto, virou-se para os presentes:

— Prompto. Está cumprido o dever. Vamos agora mandar isto p'ro cemiterio e chamar a hygiene e o padre, para benzer e desinfectar a casa...

JOTA SÓ

AS VIRTUDES DO SALSO ELEMENTO

(Desenho de J. Carlos)

— Sim, minha senhora. A praia é perigosa. Nem os celibatarios escapam. Ha por ahi uma corrente impetuosa que arrasta todos até á pretoria.

LEMBRANÇAS DO CARNAVAL EM SÃO PAULO

NO BAILE INFANTIL DA SOCIEDADE HIPPICA PAULISTA.

"MATINÉE" NO INSTITUTO DA INFANCIA. AS OUTRAS PHOTOGRAPHIAS SÃO DO GRANDE BAILE DA SOCIEDADE HIPPICA PAULISTA

Ba-ta-clan

SERENATA

Como passam amaveis e ligeiras
As horas no recanto das Paineiras!

Podera! Em tão brilhante companhia...
— Dona Lucilia é um encanto de poesia.

— E que sympathico o marido d'ella!
O João Pedro. — E elle dansa a Tarantela.

Dona Zezé, Dr. Eugenio, o Pio
E o Hyme, um grupo excellente e luzidio

Que vive, dia a dia, preoccupado
Em levar bom-humor ao Corcovado.

Antes, diga-me uns versos. Creia que ainda
Não tive o gosto de escutal-o. — Sim.

"— Por que é que a noite, quando é clara e linda
Nos dá vontade de chorar assim?

E' que na noite perfumada e branca
Ondula o cheiro quente de baunilha,
Voluptuoso da bocca que se amou.

E o luar tranquillo e redondo
Lembra o seio redondo e tranquillo
Que a gente um dia quiz beijar e não beijou."

A nova directoria do Instituto Brasileiro de Architectos, composta do Prof. G. Bahiana, presidente; Dr. Cypriano Lemos, vice-presidente; Dr. José Marianno, 1º secretario; Dr. Henrique Vasconcellos, 2º secretario; Dr. Benjamim Lima, thesoureiro, rodeada dos demais membros daquella associação.

— Que luar maravilhoso! — Acha? Eu não acho...
Olhe a cidade como luz lá em baixo...

Pontilhada de estrellas... Silenciosa...
E' uma Cidade *assás* maravilhosa.

— Parece que este moço é meio louco.
Fala da Biblia. — Que elle entende pouco.

— Pouco? Demais. Nelle presinto o indicio
De quem veraneou lá pelo Hospicio.

— Como isto aqui é simples e bonito!
As arvores, o luar... Seja bemdito

O luar que nos faz bem... — Quando não mata...
Vamos fazer a nossa serenata?

— Bravos! Que lindo! — Eu acho detestavel...
Este poeta só tem um encanto: é amavel.

— Mademoiselle Réco-R-co! Cante
Moi, je fais ça... — E' tão interessante!

— Não. Prefiro falar e andar. Prefiro.
— Dr. Eugenio, vamos dar um giro?

Olhe um chiaro de luna *aberto em prata*
Apunhalando o coração da matta...

— Veja como isto é bello, seu poeta!...
Ondula no ar, sobre a paizagem quieta

Uma onda de volupia e de harmonia...
De subito, cortando a noite fria.

Nas Paineiras — Grupo de veranistas no parque do hotel.

Uma voz dolorosa e commovida
Põe-se a cantar uma canção da Vida:

Oia aqui, seu Zé Reymundo:
Eu ando com os óio fundo
Só de chorá p'ra vancê.
Meu pae me disse outro dia:
— Toma coidado, Maria,
Vê lá tu que vae fazê.

E eu não sei memo o que faça
Tou triste. Minha desgraça
Morde cuma maruim.
Foi o tal de Zibitinga
Que fez tres cruz de mandiga
E botou feitiço em mim...

Ha tres dia que não drumo.
Sou cuma a nhambú sem rumo
Levada onde o vento qué.
Sinto uma dô funda e calma
Que sobe do pé p'ra a alma
E desce da alma p'ra o pé.

Meu pae diz que quando a gente
Fica besta de repente,
Sem falá junto de alguem,
E' p'roque, seu Zé Reymundo,
A gente sente no fundo
Vontade de querê bem...

JOÃO DA AVENIDA.

Familias Ernesto Lisboa, João Pedro B. Vieira e Frank Hyme, nas Paineiras.

A GARGALHADA DEFINITIVA

Da acta da sessão solemne do Club de Engenharia, em homenagem ao seu benemerito presidente, o Exmo. Sr. senador Paulo de Frontin, a 4 de Dezembro de 1922:

O Sr. Floresta de Miranda — *O florido auditorio deve ter ficado surpreso ouvindo o Sr. presidente dar a palavra a uma floresta. Teria ouvido mal? Seria uma illusão acustica por falta de acustica nesta excedra? Por ventura a floresta fala? Mas o Dr. Frontin não errou, dando a palavra a uma floresta, não faz mais do que, como mathematico, inverter a ordem dos factores de uma formula ou expressão; podia ter dito: "Tem a palavra* Esta flor". *As flores falam com a eloquencia muda de seus perfumes e com o colorido de suas petálas. A floresta fala pela voz da brisa que murmura e pelo canto das aves que gorgeam...*

A mesa da presidencia está convertida em um jardim florido e o Sr. Paulo de Frontin, ao reencetar as suas funcções, preside, hoje, ao Congresso das Flores neste templo onde tantos outros congressos se têm reunido. E quem fala neste momento é um mero delegado, é o relator das flores; mas a que flor deu o presidente a palavra? A este malmequer que estava sobre a mesa e que, por sua alvura, representa a alma do povo quando cahem de suas labios as saudações sinceras, como desta flor cujas petálas cahem, ao desfolhar-lhes, dizendo: "Bem me quer, mal me quer, bem me quer" e por ser uma linguagem sem par, portanto impar, termina como começa — Bem me quer, pois o povo, de facto, quer bem ao Dr. Paulo de Frontin! Eu falo, porém, como delegado das flores pela voz desta flor que tiro do centro deste bello bouquet *como do coração do Club; é, pois, a saudade que fala.*

Saudação aos Condes de Frontin.

Retorna - Vencedor.

"Eu sou pequeno, mas só fito os Andes".

Castro Alves.

A voz da Saudade é a voz do Club.

"Eu sou pequeno, mas só fito os Andes;
Levanto os olhos só fitando os Céos;
Minh'alma forte só se curva a Deus;
E meu espirito só exalta os grandes!

E' pois, por isso que te encaro agora;
Quando partiste deste Continente,
E em todo o tempo que estivesse ausente
Quão triste estava por estares fóra!

Neste recinto, como num só peito,
Te guardam todos como seu thesouro,
Por tua cabeça e coração de ouro —
Joias sem jaça, sem um só defeito!

Quem assim fala é a totalidade
Deste Instituto que é de Engenharia;
Que abraça e applaude cheio de alegria
Entre estas flores, p'ra matar saudade!

(Este grande e cruel afastamento
Foi devido ao seu proprio Coração;
Ao sentir de sua esposa o soffrimento,
Deixou tudo por sua salvação!)

Venceu mais uma vez, voltou com ella;
Ninguem p'ra elle ha que mais mereça!
Eil-a entre nós, tão santa, pura e bella!
Saudemos a Saude da Condessa!

Deus os fez e Jesus os ajudou
Legando-lhes um lar tão puro e casto;
Elle, com seu saber profundo e vasto,
Ella, com sua bondade, o conquistou!

Já matamos a saudade,
Falta o corpo de delicto;
Eu sou réo e réo convicto
E matei pela anciedade

Que soffria pela ausencia.
Graças que já estão comnosco!
Rógo, em meu dialecto tosco,
Ao Bom Deus, por sua existencia."

Baile á fantasia no Cercle Français, de São Paulo.

Um Chá no Pavilhão Britannico da Exposição.

PIERROT
(PROSA CARNAVALESCA)

O que é a mania da literatura!... Hontem, domingo de Carnaval, inicio da Folia, entrada de Momo na mais absoluta direcção de todas as consciencias, ou melhor, dia do apagamento de todas as consciencias deante da inconsciencia divina de Momo, em vez de candidamente divertir-me como qualquer mortal, veiu-me á idéa procurar pela Avenida, no meio da enorme massa allucinada, o Pierrot da Legenda, o classico Pierrot que inspirou Verlaine. Sahi a procurar o pobre Pierrot que ri, que dá gargalhadas diabolicas, que é o proprio Diabo nas piruetas inconcebiveis, e nas suggestões que segreda a todos ouvidos, — emquanto lá por dentro lhe róe a alma uma dôr indisivel, uma dôr á qual succumbiria a maior parte dos homens, a dôr infinita, a dôr inacreditavel, a grande dôr da traição de Colombina, a infiel... Quiz encontrar esse Pierrot complicado que poderia recitar, sem nada tirar nem pôr, o "Mal Secreto", de Raymundo Corrêa, esse Pierrot "paradoxal" que o Sr. Olegario Marianno já teve a felicidade de ver, e que alguns outros, dotados de olhos por igual percucientes, têm distinguido tambem... Fui procurar Pierrot. Era noite. Uma garôa fina cahia incansavelmente, sem esfriar em nada o delirio geral, uma garôa que se diria vinda de São Paulo pelo ultimo trem. E' preciso confessar que já me subiam no cerebro os deliciosos vapores de varios chopps *e um* cock-tail, *e foi mesmo dahi, não sei se dum dos* chopps *ou do* cock-tail, *talvez do* cock-tail, *por mais subtil e mais fino, que me veiu a idéa de procurar Pierrot, o Pierrot classico da Legenda, o Pierrot que inspirou Verlaine. Mas eu falei em São Paulo. Como aquella garôa me fazia recordar São Paulo. Que encantador o tempo que eu vivi por lá! Na minha fantasia, que já se desatára, e a que o excitante cheiro dos lança-perfumes ainda emprestava azas mais fortes, começaram a passar scenas daquella vida de então. As longas avenidas silenciosas e desertas, como á espera de que por ellas passe um cortejo real, e os jardins, os jardins tão bem cuidados... Uma gargalhada bestial chamou-me á realidade. Junto de mim um individuo vestido de Pierrot ria da minha distracção, mostrando uma optima dentadura de bom comedor, num rosto de lua-cheia. Não, aquelle não podia ser o Pierrot da Legenda, os seus olhos nem siquer diziam intelligencia, quanto mais a intima tragedia de Pierrot. Depois topei com Pierrots ás centenas, e vi todas as côres do espectro vestindo Pierrot. Passaram aos meus olhos Pierrots de todos os tamanhos, de todas as idades, e... dos dois sexos. Encontrei Pierrots que ainda estão na escola primaria, Pierrots que tratam de obter a caderneta numa linha de tiro, Pierrots da Escola Normal, Pierrots do alto commer-*

A formosa Sra. Francisco de Souza Costa, que ora viaja pelo "Arlanza", de regresso á sua fidalga e elegante residencia de Paris.

Antes do almoço offerecido pela Directoria do Aero Club Brasileiro aos aviadores Hinton e Martins.

cio. Mas não encontrei o Pierrot da Legenda... Num certo momento tive a illusão de o ter surprehendido. Num claro entre a multidão desatinada, ia um Pierrot cabisbaixo. Todo de branco, com adornos negros, o rosto tal uma pasta de farinha, muito sumido, como que vergado ao peso dum immenso infortunio. Apressei o passo, dando cotovelladas naquelle mar humano. Ia encontrar o Pierrot da Legenda. Alcancei. O homem prendia uma flor ao peito com meticuloso cuidado, e as mãos eram pretas, pretas, como as mãos de... um preto. Esquecera-se das luvas. E eu fiquei sem encontrar o Pierrot da Legenda!... — I. G. M.

Porque a vida, com tudo que nos offerece, alegria ou tristeza, desejo ou temor, nada mais é do que a nossa occasião de comprehender o amor, de saber o que elle é, e o que poderia ser, e o que foi. — Browning.

☆ ☆ ☆

As perguntas nunca são indiscretas. As respostas é que ás vezes o são. — Oscar Wilde.

Almoço da colonia cearense a Pinto Martins. — Os aviadores na Associação Commercial e na Associação dos Empregados no Commercio.

CARTAS AO SENHOR DIABO

Meu amigo. Tens razão, muita razão... Não comprehendo tambem porque ainda te representaram no Carnaval, todo encarnadinho, saltitante e buliçoso, pinoteando no meio da rua e assustando as creanças. Isto é uma diminuição ridicula da tua personalidade que, sob alguns pontos de vista, póde ser antipathica e irritante, mas que para todos não póde deixar de ser vigorosa e fantastica. E' evidente que os teus inimigos se esforçam para desmanchar a tua personagem, numa caricatura de traços bambos e jocosos. Mas, não têm sido felizes nesta obra de vingança e de despeito. Representam-te no meio de labaredas vulcanicas e abysmos cavernosos. Parece assim que o fogo é um elemento de ignominia, não é? E nada mais inexacto! O fogo é até considerado como um elemento de purificação. O Purgatorio que o diga... Representam-te ainda com um corpo esguio, ossudo, desarticulado em linhas rectas e angulos agudos. Será possivel que a magreza seja considerada um escarneo? Christo, porém, foi magro. E a magreza passou a ser attributo divino, monastico e romantico... romantico, principalmente, porque o romantismo, muitas vezes em logar de descer do coração — sobe do estomago... A propria religião é inimiga da gordura, tanto assim que achamos escandalosamente irreligiosos os religiosos que — avinhados e rotundos — ostentam na barriga a linha curva da fartura. Nestas barrigas, nestes bombos, o nosso amigo Voltaire já desandou uma furiosa musica de pancadaria...

Alguns pintores resolveram caracterisar a tua figura com umas sobrancelhas obliquas, muito petulantes, e um pequenino cavaignac, preto, agudo e aggressivo. Puzeram-te uma capa vermelha nos hombros, um espadim ao lado, um sorriso nos labios e uma serpente ao coração, e disseram: Mephistofeles! Com menos cavaignac e mais sobrancelhas e rabicho, um retrato nestas condições podia até ser de um mandarim... Do Diabo — não... Não vejo nestas singularidades do teu typo nenhum valor artistico e real. Demais, nada mais difficil que a geometria dos symbolos!

Eu, se pudesse, dava-te um meio palmo de carinha bonita; uma pelle, um pouco de seda e de velludo; uns olhos, ou com a côr serena das turquezas ou a scintillação alegre das esmeraldas ou o negrume fuzilante dos onyxes; uma boquinha que fosse, na phrase do nosso amigo Oscar Wilde: uma romã cortada por uma faca de marfim; uns cabellos negros ou louros; um manto de tréva ou um manto de luz; um corpo esculptural, um poema de linhas, cantando a harmonia hellenica das fórmas e a belleza perfeita da mulher.

Dava-te tudo isto. Entregava-te depois uma cousa tragica — um coração, dentro do qual eu derramaria um frasco de veneno. E duvido, meu amigo, que alguem, passando por ti, não dissesse logo:

— Isto não é uma mulher. Isto é o Diabo!...

Saudades do velho amigo

Rio, 15-2-923.

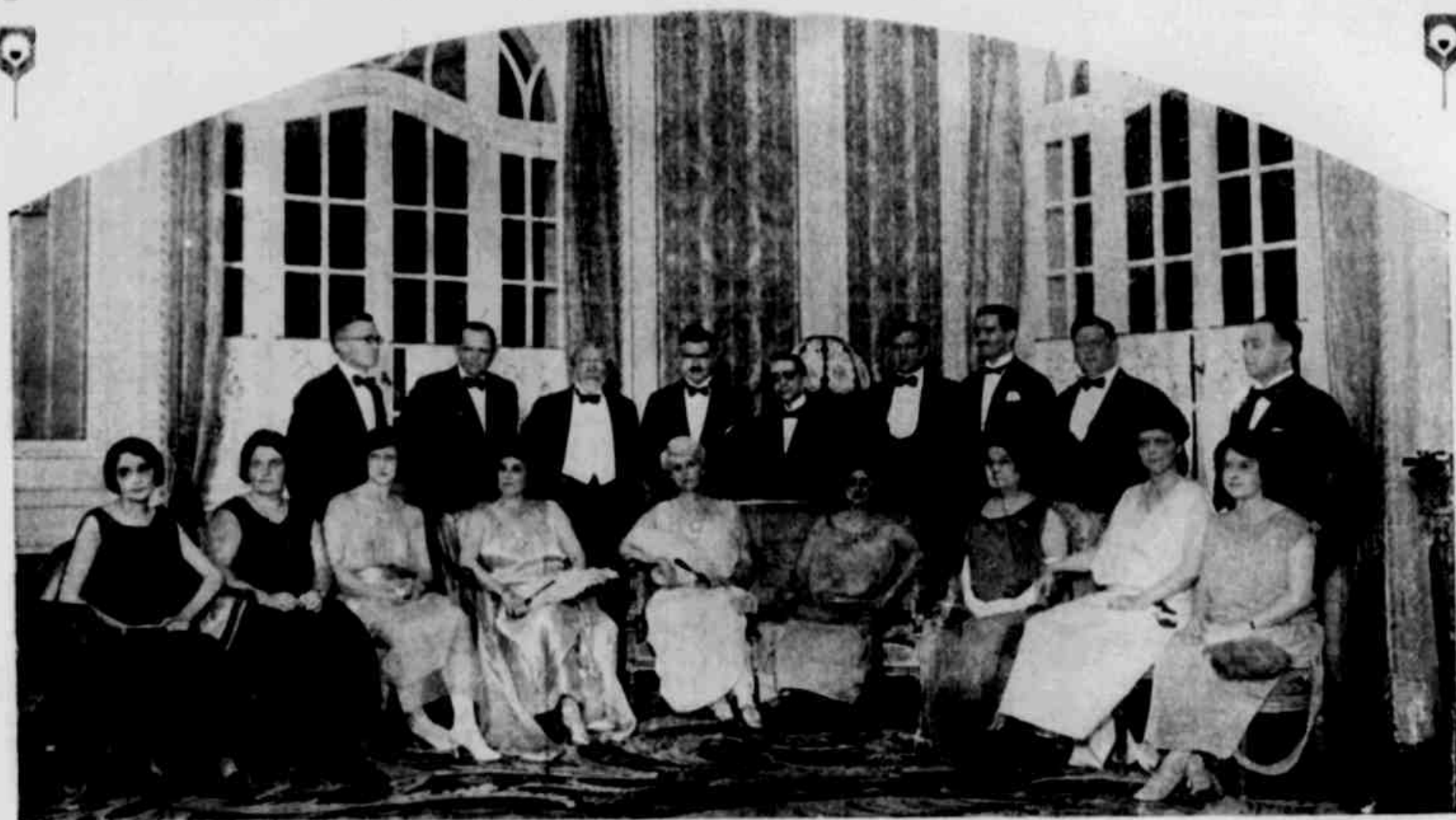
AFFONSO DE CARVALHO.

Conde Alexandre Siciliano, presidente da Companhia Mecanica Importadora de S. Paulo, fallecido, em sua residencia de Copacabana, a 19 deste mez. Figura de realce na sociedade brasileira, grande vulto da alta finança, foi o delegado do governo Epitacio Pessôa no plano da valorisação do café. O Conde Siciliano, pela sua intelligencia e pela sua bondade, só fez amigos. Deixa um nome que é um exemplo.

☆ ☆ ☆

CONTRA OS LIVROS

Os medicos hygienistas de Nova York constataram que a vista da população se vae enfraquecendo gradualmente, e fazendo pesquizas nesse sentido acabaram por concluir que a causa é a leitura de livros e jornaes impressos com typos muito pequenos. Por esse motivo foi apresentado então ao Congresso americano um projecto de lei que obrigaria os editores de livros e de jornaes a não se servirem de typos inferiores aos oito pontos de Didot.

Antes do banquete ao Prof. Fernando de Magalhães em regosijo pela sua escolha para cathedratico da Faculdade de Medicina.

Antes do jantar offerecido, no Hotel Gloria, pelo Sr. Ministro **Felix Pacheco** á Senhora Carolina Harding Votaw e á Senhorinha Abigail Harding, irmãs do Sr. Warren G. Harding, presidente da grande nação **norte americana.**

Enlace Ramos Montero — Van der Grient. Os noivos, Senhorinha Sara Ramos Montero, filha do Sr. Ministro do Uruguay, e Sr. Pierre Jacques Van der Grient, Secretario da Legação da Hollanda, nesta capital, depois da cerimonia religiosa, entre parentes, padrinhos e convidados, na Legação do Uruguay.

Footingações

"MACHINAL'MENT"

Na Avenida atropellada
quer na rua ou na calçada

de vehiculos e gente,
avanço machinalmente

como um chauffeur *de* taxi
passa aqui, passa acoli...

E vou tomar quelque chôse
com Mlle. Cardose

na cremerie *da Colombo*
que produz frissons *no lombo...*

Vou passando e vou grelando
a gente que vae passando

ao meu lado, á minha frente,
e que vae machinalmente

sem saber por que razão
vae na mesma direcção...

Nair, Carmen, Julia, Aida,
Olga, Vera e Margarida,

Mary, Odette Gasparoni,
saudades de Wanda e Ioni...

E a theoria da Graça
como um sonho bom, perpassa...

E são mil toilettes *claras*
e lindas de caras caras

formosissimas do set
dos chás e dos tête-à-tête...

E são chapéos ba-ta-clães
de filhas e de mamães,

que passam cobrindo as casas
com as suas grandes azas

e que vão machinalmente
levando, por baixo, gente...

Mas uma visão me impede
de caminhar: é Mamede,

senhorinha de Hemengarda,
cujo olhar ainda guarda

o serio de antigamente,
e que vae machinalmente,

com muito esmero e muita arte,
com seu chapéo Bonaparte...

E entro a Colombo... A infinita
sala de gente palpita.

E vejo, num só instante,
senhorinha Cavalcanti,

doutor Pontes de Miranda,
Sergita Buarque de Hollanda

e o Sylviosito Penteado
sorrindo, assim só de um lado...

E uma mesa de recamos
guardada p'ra Ruth Ramos,

para quando ella, da serra,
digo, do céo, vier á terra...

E o doutor Taci, que lindo!
tambem, como o outro, sorrindo...

E, entre tanta gente, vi,
formosas, Madame Bi

-ca de Almeida com mais tres
junto de Madame Reis...

E, de repente, alto e fino,
Don Junior de Peregrino

com Bandeira, Waldemar,
desertando do Alvear...

Don Alvaro Ferramenta
diz á alguem: Felippe, aguenta...

E fala-se em perfumistas,
em poetas e em modistas...

Que, oppostos, elles se encrespem:
porque uns vestem e outros despem..

E fala-se em Carnaval,
no corso etc. e tal...

E o poeta Orris Soares
com a mania de nos mares

se atirar e mergulhar,
mas sem nunca se afogar,

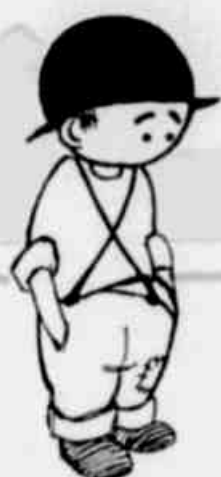
por causa de Mona Vana
que mora em Copacabana,

se atira, careca já,
pela chavena de chá...

E a orchestra molle executa
qualquer cousa que é batuta

e que põe frissons *no lombo*
como a gente da Colombo...

E isso tudo, já se vê,
machinal'ment *como que...*

ON

A INVEJA

PIROLITO — A velha sim, é feliz, ao menos hoje ella já viu todos os programmas dos cinemas!...

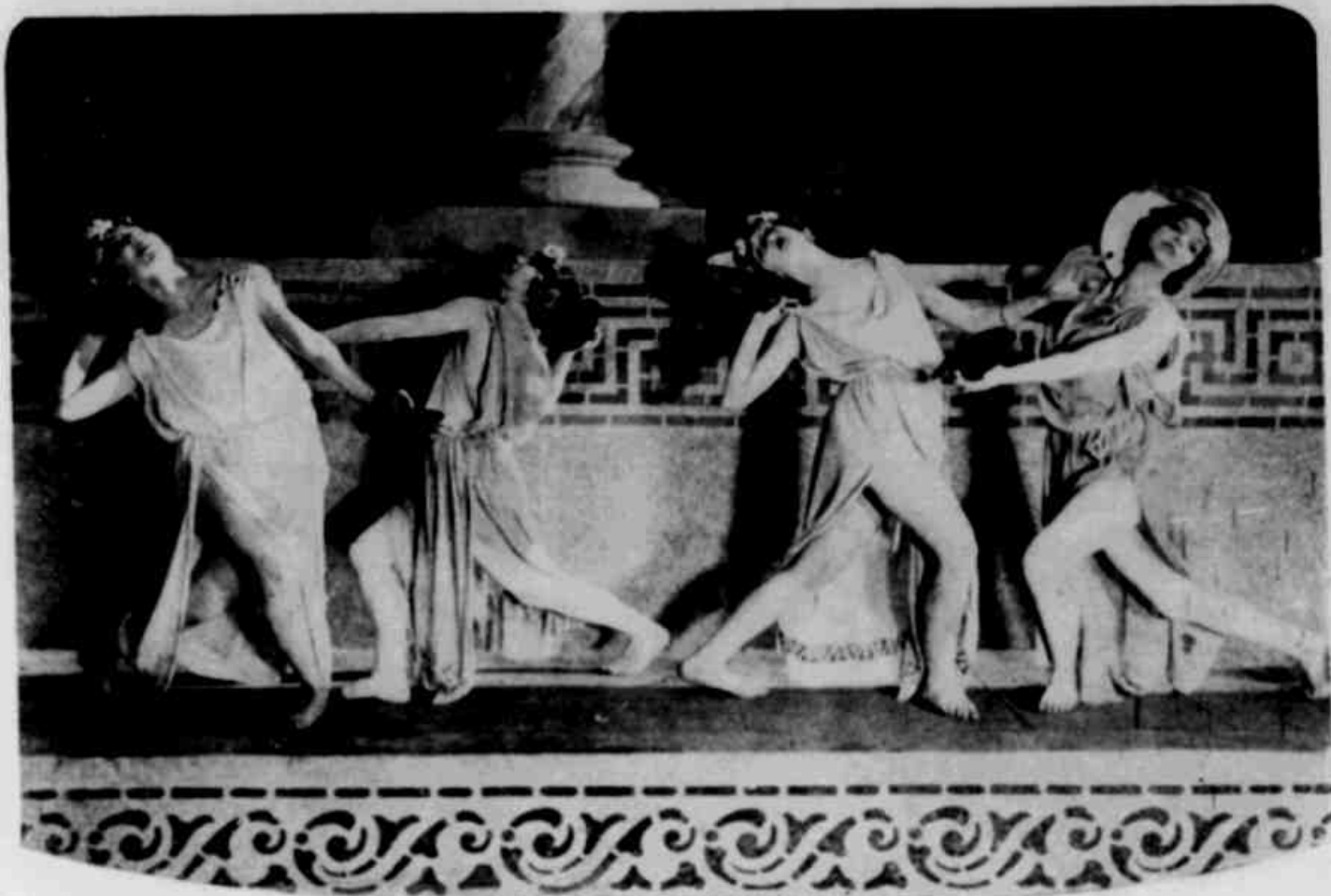
(Desenho de Fritz)

Dia do Estado do Rio no Palacio das Festas da Exposição.

A CASA FLORA NA EXPOSIÇÃO DE FLORES

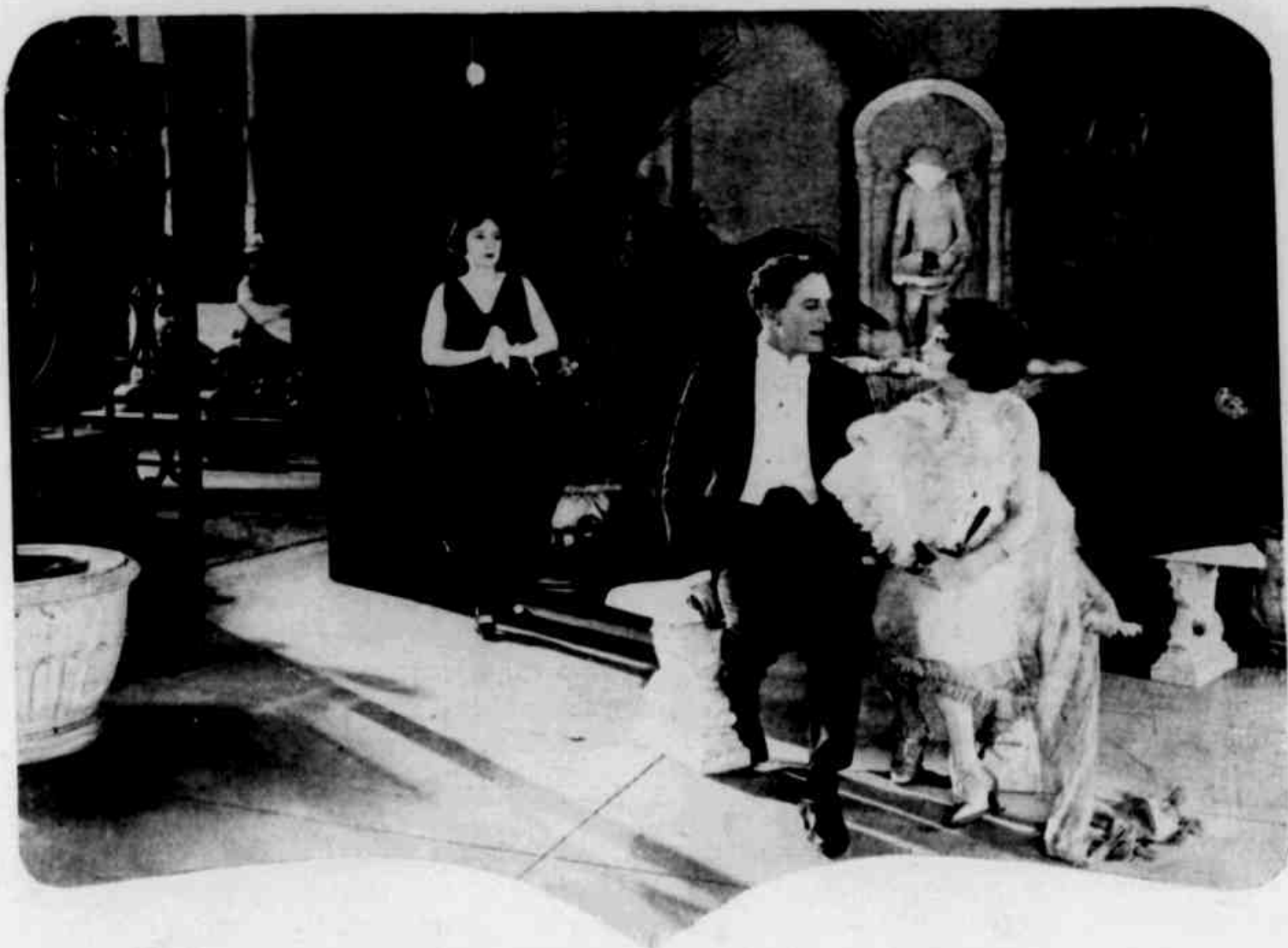
A antiga e acreditada Casa Flôra situada á rua Ouvidor 61 e filial á rua Gonçalves Dias 30, já premiada com cinco grandes premios na Exposição de 1908, apresentou-se com brilho no grande certamen realizado no Palacio das Festas pela commissão executora da Exposição do Centenario. Pela photographia de parte do lindo mostruario póde-se aquilatar o fino gosto de ornamentações e a belleza dos especimens das grandes culturas de sua propriedade em Barbacena, Alto da Serra, Petropolis, Campinho e outras cidades. Este conceituado estabelecimento que gyra sob a firma Schlich & Nogueira, incumbe-se com rara perfeição da ornamentação de salões, mesas de festas, corôas para enterros de todos os tamanhos e feitios artisticamente executadas.

Na *matinée* infantil promovida pela Senhora Poços Leitão, no *Trianon Paulista*.

Homem - Mulher - Matrimonio

Quando esse bello film de Dorothy Phillips passou em Londres, o grande *Times*, o jornal mais importante do Universo, consagrou-o com os seus calorosos applausos. Em sua edição de 8 de Julho de 1922, affirmou: "*Man-Woman-Marriage*, apresentado na semana passada em sessão especial, é uma bella e surprehendente producção. Esse film trata da sujeição da mulher ao homem através os seculos e seu esforço continuo para se libertar do dominio masculino. A idéa é admiravel e uma *mise-en-scene* cuidadosa faz-nos entrever scenas dos tempos antigos como visões de uma heroina moderna..."

O *Sunday-Express*, de 26 de Junho do anno passado, affirma: "E' um grande, um deslumbrante super-film", palavras corroboradas pelo *People*, de 2 de Julho: "E' uma obra concebida e executada de modo a supportar com vantagem uma comparação com os films de Griffith." "Grandioso em toda a accepção da palavra", diz *Film Renter* de 24 de Junho. "Uma obra soberba, genero Griffith; e, entretanto, tendo qualidades peculiares que a distinguem, que lhe permittem tomar logar entre as maiores producções jàmais vistas", é a opinião da *News of the World* de 9 de Julho de 1922.

E' esse o film que fará parte do programma Serrador no proximo mez de Março.

Conselhos de um director

George Melford é dos directores de scena um dos mais conhecidos, bem como alguns dos films por elle diridos gosam da maior fama.

Recentemente, em conversa com alguns amigos, entre elles um jornalista, discreteando sobre materia cinematographica affirmou elle que o melhor processo para entrar para o cinema e converter-se em estrella, era se conservar bem longe dos *studios*.

Melford é um technico que não se amolda a varios usos dos outros directores. Por exemplo: o megaphone, apparelho que a muitos parece indispensavel para aconselhar e corrigir a attitude dos artistas, durante a filmação.

"Antes de começar a fazer um film, eu costumo entregar a cada um dos interpretes uma copia do argumento, exigindo-lhes que estudem e pensem sobre o papel, por isso que se os artistas não *viverem* o personagem em cuja pelle estão mettidos a obra resultará mediocre. Se um artista nas primeiras scenas demonstra não ter comprehendido o papel, *se não o vive*, eu troco-o incontinente por outro Isso em nada depõe aliás contra o artista. E' questão de temperamento, simplesmente. Os que frequentam o cinema sabem perfeitamente o que succede quando um artista não comprehende um papel que lhe toca. O resultado é sempre uma interpretação defeituosa que salta aos olhos á primeira vista. Quem poderá acceitar por acaso Wally Reid desempenhando um papel de velho decrepito ou Theodore Roberts o de um joven galã ardente e enamorado ? Tudo é questão do *caracter*. Muitos directores suppõem poder auxiliar o artista que não está a caracter dando-lhe conselhos, indicando-lhe os movimentos até. Acho isso um erro. A obra ha de resultar por força defeituosa. O cine exige artistas muito bons, que possam estudar um caracter e metter-se nelle como uma mão em uma luva. Já temos boa copia delles; ha necessidade porém de mais ainda. As *escolas cinematographicas* que proliferam por ahi fóra de um modo assombroso, no meu entender de nada valem. Os diplomas que ellas conferem não convencem de sua valia, nem ao menos aos porteiros dos *studios*. Para um director então nenhuma significação tem. Nenhuma escola poderá em mezes ensinar como se trabalha diante da objectiva. Tudo o mais que ellas ensinam de nada ou pouco vale para a nossa arte. Para os que desejem realmente entrar para a arte muda darei os seguintes conselhos: Primeiro, estudar e interrogar a sua propria physionomia, diante de um espelho, comparando as inflexões phy si o no mi cas com as dos artistas cujo trabalho temos observado. Si acredita honestamente, sinceramente attingir a perfeição de trabalho da outra, um outro problema se offerece logo: se póde essa mesma pessoa dedicar-se ao estudo e ao trabalho durante um anno sem visar lucro de especie alguma, ou no maximo recebendo o salario de *extra*. E finalmente, se terá paciencia bastante para tudo isso. Convém relembrar que Betty Compson, uma das grandes estrellas de hoje, durante annos e annos fez papeis secundarios. Rodolph Valentino, idem; teve de esperar tres annos; Agnes Ayres, uns quatro antes de ser estrella; Gloria Swanson, tres tambem. A'quelles que suppõem que basta o physico para garantir o exito, convém recordar que Wallace Reid, um dos mais perfeitos moços que conheci, teve que estudar dois annos a arte de representar antes de ser tomado a sério como actor."

WILLIAM WALLACE REID JUNIOR

O FILHO DO MALLOGRADO ARTISTA WALLACE REID, FALLECIDO A 18 DE JANEIRO

☆ ☆ ☆

Penrhyn Stanlaws está em viagem pelo estrangeiro. O seu contracto como director artistico de films Paramount expirou a 31 de Dezembro p. p. e não foi renovado.

LOUCO COMPROMISSO

(HER MAD BARGAIN) — *Film do First National* — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Alice Lambert...	ANITA STEWART
Grant Lewis.....	ARTHUR CAREW
David Leighton..	Walter McGrail
Ruth Beresford..	Gertrude Astor

— Creio que já é chegado tempo de tu partires, Alice, disse Ruth Beresford, accommodando-se languidamente na poltrona.

— Partir! murmurou Alice como um éco.

— Sim, foi o que eu disse, replicou a outra friamente.

— Parece que não comprehendo perfeitamente o que queres dizer, aventurou timidamente a moça.

— Pois bem, eu me farei clara. Quando minha tia te convidou para morares com ella, estava no seu direito, mas agora que ella morreu e que a dona da casa sou eu, não te quero mais aqui. Entendeste agora?

Alice, que tinha vivido durante muitos annos com a tia de Ruth, sabia que esta sempre tivera inveja della, mas nunca lhe passara pela idéa que esses sentimentos a levassem á crueldade de atiral-a á rua sem dinheiro e sem amigos. O inverosimil, porém, acontecera e ella apenas teve força para responder que sim, que se iria no dia seguinte.

O primeiro meio de vida que Alice Lambert encontrou, foi um logar de manequim num grande estabelecimento de modas de Armand, o mais afamado *tailleur* do mundo elegante. O exito de Armand estava no seu olho de mestre para todas as fórmas do bello. Foi essa notavel faculdade que, dentro em pouco, o levou a descobrir que possuia entre o seu pessoal uma linda rapariga na pessoa de Alice Lambert. E tanto bastou para que elle iniciasse as suas operações habituaes de assedio, e tanto bastou para que a pobre rapariga se visse obrigada a deixar o emprego. Depois de algum tempo de desalentadora ociosidade, Alice encontrou o seu pão de cada dia no *mettier* de modelo de arte, trabalho que além de lhe parecer interessante, era remunerativo. Durante certo periodo ella escapou ás importunações a que os modelos estão expostos, mas um dia, indo *posar* para o pintor Grant Lewis, chegou a sua hora de pagar o tributo. Ella tinha de representar de rapariga mendiga. Alongada no estrado, coberta de andrajos, Alice tornou-se tão encantadora que o artista foi, aos poucos, se sentindo dominado e não tardou esquecer o pincel e a palheta, assaltando-a com uma tal impetuosidade que, ao lado delle, Alice verificou que Monsieur Armand não passava de um bisonho collegial. Alice viu que a sua unica salvação era fugir d'ali, e disparou assim mesmo como estava. A primeira porta que encontrou serviu-lhe de refugio, e foi desta maneira que ella se achou no *atelier* do esculptor David Leighton. O barulho da correria chamou a attenção do artista, e elle viu a linda rapariga perseguida por Grant Lewis. Comprehendendo o que se passava, Leighton segurou Lewis e disse á rapariga que parasse. Ella então contou-lhe o succedido e o esculptor reteve o fogoso pintor, emquanto ella voltava ao outro *atelier* para trocar as vestes. Os dois homens ficaram a conversar, até que alarmados com a demora do modelo, foram buscal-a e encontraram-n'a estirada sobre o sofá, tendo junto de si um frasco vasio. Correram a chamar um medico que residia na mesma casa, e este, depois de meia hora de cuidados, conseguia fazel-a voltar a si. Quando ella poude caminhar, Leighton deu-lhe o braço conduzindo-a ao seu *atelier*. Uma vez ali, sósinhos, Leighton perguntou-lhe por que razão ella tentara contra a vida, e Alice, com uma grande melancolia derramada no semblante, contou-lhe todas as amarguras do seu viver, desde que perdera sua velha amiga e protectora, e as decepções que a cada passo lhe embargavam o desejo de viver honestamente. Diante disso, concluiu ella, para que trabalhar e lutar, senão para acabar no termo de uma longa existencia a pedir esmolas?

Mar Jerry, atilado e vivo...

Leighton ponderou-lhe que ella não pensava bem; podia encontrar um homem que olhasse por ella, tomasse-a por esposa, fazendo-a feliz. Mas Alice não acreditava nos homens; eram todos uns brutos, perversos e covardes, affirmava ella. Leighton, então, replicou-lhe que si aquelles eram, na realidade, os seus sentimentos, elle nada tinha a censurar-lhe, entretanto, ella podia agir com um pouquinho mais de sabedoria, antes de praticar um acto de desespero.

— Não percebo bem o que quer dizer, redarguiu a moça.

— Sim, eu me explico. Tenho uma idéa... Que diria você della? aventurou Leighton, olhando pensativamente para o tecto.

Alice franziu a testa, receiosa do que, talvez, fosse ouvir, mas quiz conhecer a idéa, e o esculptor falou:

— Você está disposta a se matar; é mão, mas isso só é da sua conta. No emtanto, você podia tirar alguma cousa da vida antes de morrer. Não lhe agradaria, por exemplo, ter ao menos seis mezes de vida, de uma vida digna de ser vivida, antes de deixar o mun-

do? perguntou Leighton com certa vehemencia.

Alice rogou-lhe que se explicasse melhor; o homem continuou:

— Si você consentir em segurar sua vida por 35.000 dollars e prometter suicidar-se no fim de seis mezes, eu lhe adianto 25.000 dollars agora mesmo, comtanto que faça o seguro em meu favor. Que diz a isso?

O primeiro movimento da moça foi de estupefacção. Teria diante de si um doudo? Depois veiu-lhe a reflexão, e o ar sereno e calmo do individuo deu-lhe a idéa de um desses jogadores inveterados, mas de sangue frio. Afinal, que lhe importava que fosse uma ou outra cousa? Não estava ella resolvida a pôr termo á sua miseravel existencia?

Alice acceitou a extraordinaria proposta, ficando combinado que Leighton lhe daria naquelle momento cem dollars e que no dia seguinte acompanhal-a-ia á empreza de seguros, onde, uma vez emittida a apolice em seu favor, lhe entregaria os restantes 24.900 dollars.

Perguntou-lhe porque razão tentára...

Na manhã immediata tudo foi regularmente cumprido. Ao se despedirem, a joven perguntou ao esculptor:

— E' preciso que eu faça alguma cousa mais em paga do dinheiro que o senhor me deu?

— Nada, excepto prometter-me que, quando chegar o momento de dar cabo de si, faça-o em circumstancias que deixem acreditar em morte por accidente. Deve tambem dar-me de vez em quando o seu endereço, de maneira que eu possa procurar o seu corpo, quando soar o dia aprazado, disse fleugmaticamente Leighton.

De posse daquella bella somma, que lhe cumpria gastar em seis mezes, Alice applicou-se em tirar da vida tudo quanto ella lhe pudesse dar. Installou-se magnificamente num hotel de luxo, não desejou vestido que não tivesse, e bailes, theatros, concertos, jantares e automovel proprio enchiam-lhe as horas da existencia perdularia. A principio manteve-se afastada de David Leighton, que, com surpresa sua, nenhuma tentativa fazia para vel-a. Depois, á medida que os dias passavam, e agora que a vida lhe sorria com o encanto de uma primavera florida e alacre, ella começava a pensar na loucura da barganha que fizera, e a figura de Leighton lhe surgia com força no espirito. Alice teve, então, um grande desejo de vel-o, de conversar com elle. Dominada por uma especie de attracção irresistivel, a moça foi ao *atelier* do esculptor. Ao ser recebida por Leighton, Alice explicou-lhe que vinha para tranquillisal-o. O pacto estava de pé e ella lhe daria execução quando fosse occasião.

— Sei que você não faltaria á sua palavra, do contrario não teria adiantado o meu dinheiro, declarou cortezmente Leighton.

O ar de indifferença com que Leighton parecia dispôr da sua vida, chocou-a, e ella teve, por isso, a curiosidade de experimentar até onde ia a frieza daquelle homem.

— A vida tornou-se-me tão agradavel, depois que tive dinheiro, que me vae ser penoso deixal-a. Nunca lhe passou pela idéa o receio de que no momento preciso me falte a coragem para cumprir o meu pacto?

Leighton affirmou que não, nunca lhe viera tal pensamento. Estava certo de que ella manteria sua palavra religiosamente.

Alice olhou-o confusa, e absolutamente fascinada por aquelle extranho ser que a dominava sem que ella o comprehendesse. Para disfarçar a sua perturbação, ella passeou os olhos pelo *atelier*, elogiou os trabalhos do artista, mostrou desejo de apreciał-os detidamente, e Leighton promptificou-se a mostrar-lhe tudo quanto existia ali. Estava mesmo acabando uma estatua, e como notara que ella tinha mãos admiraveis, si ella não se oppuzesse, pedir-lhe-ia que deixasse modelal-as, para

...e que só um recurso poderia salval-o.

terminação da sua obra. Alice consentiu e prometteu voltar no dia seguinte para a primeira *pose*.

Os dias succediam-se, e Alice já fatigada da vida de prazeres a que se entregara, via com grande satisfação que o trabalho de modelagem das suas mãos tomava mais tempo de que ella podia suppôr. A intimidade entre ella e o artista ia se tornando cada vez maior com aquella approximação diaria, tenho Alice tido occasião de ser apresentada a varios amigos de Leighton, que, de vez em quando appareciam no *atelier* nos momentos em que ella *posava*. Uma dessas visitantes foi a Sra. Gordon Howe, uma tia rica de Leighton, que a convidou a ir visital-a em sua magnifica casa de campo, onde lhe apresentaria a noiva de Leighton, de quem, aliás, elle nunca lhe havia falado.

Ao ouvir que Leighton tinha uma noiva, Alice pela primeira vez percebeu que o amava e sentiu-se despeitada. Teve impetos de não acceitar o convite, mas, depois, veiu-lhe a curiosidade de conhecer que especie de mulher era aquella que conquistara o coração do artista.

Quando Alice chegou á casa da Sra. Gordon Howe, viu-se cercada de uma brilhante sociedade, que se divertia animadamente, enchendo salas e jardim da mais encantadora alacridade. Mas o seu contentamento foi de pouca duração, porque, poucos momentos após, era chamada pela dona da casa afim de ser apresentada á noiva de Leighton. Alice attendeu solicita, e a sua estupefacção foi indisivel quando se viu na presença da noiva de Leighton, que não era outra sinão Ruth Beresford, a mesma que a havia expulsado de casa ha alguns mezes atraz. Alice fez os cumprimentos de cortezia e valeu-se da primeira opportunidade para se afastar, fazendo-o justamnte no momento em que se approximava Grant Lewis.

Instantes depois, ella percebia Ruth e Lewis a olharem-n'a com curiosidade e não tardou a saber que o pintor dissera a Ruth que ella, Alice, lhe havia servido de modelo para nús, sendo essa noticia transmittida á tia de Leighton e, em seguida, a este.

Alice sentiu um grande acabrunhamento de espirito e apressou-se em deixar a casa. Tinha a cabeça a arder, incapaz de qualquer raciocinio, e foi por isso, certamente, que, dirigindo ella propria o seu carro, não poude evitar o desastre, colhendo sob as rodas do automovel um pequeno vendedor de jornaes, que atravessava a rua. Alice parou, apanhou o rapazinho e pôl-o no auto, afim de leval-o ao endereço que elle déra. A casa era num terceiro andar e o pae do menino um operario. Alice fez vir um medico com urgencia, e este, depois de attento exame, declarou que os ferimentos eram graves e que só um recurso poderia salval-o — uma immediata transfusão de sangue. Alice não hesitou e offereceu-se para a operação.

Quando estavamos no hospital D. Alice não falava...

No dia seguinte ella jazia no leito da casa de saude, fraca, debilitadissima com o sacrificio de quasi a quarta parte do seu sangue para salvar a vida do menino, quando a enfermeira lhe annunciou que ali se achava David Leighton, desejando falar-lhe.

Alice lembrou-se que no dia seguinte expirava o seu prazo de seis mezes de vida e, pensando que Leighton talvez viesse para ver si ella manteria seu contracto, mandou-lhe dizer que não se sentia em condições de poder recebel-o.

Dois dias mais tarde Leighton voltou, e Alice, que, desta vez, já estava em atrazo de um dia, recusou-lhe novamente o accesso junto de si, mas Leighton não era homem que se deixasse contrariar duas vezes no mesmo desejo; dizendo-se amigo do pequeno Jerry Dunn, insistiu e conseguiu penetrar no quarto onde o leito do menino se avisinhava do de Alice. Ao entrar, Leighton dirigiu-se ao menino convalescente como si fosse um velho camarada, e não tardou a conquistar a sua completa sympathia e confiança. Depois de longos momentos de alegre conversa com o pequeno, Leighton sahiu e voltou immediatamente, trazendo uma cesta de fructas, sorvetes e um grande ramo de flores. O menino arregalou os olhos de contentamento e Leighton pediu-lhe que lhe apresentasse a dama sua amiguinha, que estava no leito ao lado.

E daquelle dia em diante Leighton nunca mais faltou ao hospital. Pouco a pouco a frieza que se erguera entre elles foi-se dissipando e, como se approximasse o momento de Jerry e Alice deixarem aquella casa de soffrimentos, Leighton fez a ambos prometter-lhe que o primeiro passeio delles seria ao seu *atelier*. A esse tempo já Leighton havia dito, como simples incidente no correr de uma palestra, que rompera seu compromisso com Ruth Beresford.

Uma vez fóra do hospital, Alice não poude resistir ás instancias do pequeno Jerry e foi com elle ao *atelier* de Leighton.

Jerry poz-se a correr o *atelier* e em todas as direcções, emquanto o artista conversava com a moça, que, entretanto, se mantinha reservada e desconfiada. Mas Jerry, atilado e vivo, em dado momento chegou-se junto de Alice, arrastou-a para Leighton, e collocando a mão della na do esculptor, falou com um ar de risonha ternura:

— Olhe, Sr. Leighton, quando estavámos no hospital, D. Alice não falava noutra cousa sinão no Sr. Leighton. O Sr. Leighton era o melhor homem deste mundo, o mais bonito, e mais isso e mais aquillo... Agora chega aqui e fica de cara "amarrada". O senhor não acha isso engraçado?

— Creio que seremos melhores amigos agora, Jerry, respondeu Leighton, apertando fortemente a mão da moça.

E pouco depois, por detraz do paravento, Alice murmurava num tenue suspiro: "Sim", sellando um novo pacto em substituição ao outro que acabava de ser annullado.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

O JOGADOR DO AMOR

(THE LOVE GAMBLER) — *Film da Fox*—Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Richard Manners . . .	JOHN GILBERT
Jean Mc Clelland . . .	CARMEL MYERS
Jose Mc Clelland . . .	Bruce Gordon
Tom Gould	William Lawrence
Curt Evans	Cap. Anderson
Coronel Angus Clelland	James Gordon
Sua esposa	Mrs. Cohen
Kate	Barbara Tennant
Corneo Colby.	Edward Cecil
O pequeno Dick . . .	Doreen Turner

Richard Manners era um desses magnificos exemplares de animal sadio e bello, e "destorcido", como elle mesmo costumava se definir. Não esquentava logar; amanhecia numa aldeia e anoitecia em outra, respondendo aos curiosos que, ás vezes, procuravam indagar donde elle vinha: "Venho com o vento, não sei donde, e vou para o mesmo logar". Chegava elle certa vez á villa de Los Vegas, no sul do Colorado, justamente a tempo de assistir ao final de uma prova de peões. O cavallo era um esplendido castanho e o cavalleiro uma especie de almofadinha, que se percebia logo não ser filho do Oeste, tão pouco dextro se mostrava na arte de aguentar corcovos. E si não fosse mesmo a intervenção dos circumstantes, não se sabe qual teria sido a sorte dos seus dentes e de outros ornamentos mais da fachada. Mal, porém, se viu fóra da sella, entrou a desancar o animal de pancada, como si o defeito fosse do cavallo e não do cavalleiro. Mas Richard, grande amigo dos cavallos, não gostou da vingança do rapaz, e esporeou a sua montaria approximando-se.

— Acabe com isso, gritou elle, isso não são modos de tratar um animal!

— Quem é você? perguntou o rapaz.

— Isso nada tem com o peixe. Não se trata de saber quem sou eu, mas um homem que se preza não procede assim com um animal.

— E isso é da sua conta? retrucou o outro. Bato neste ou noutro qualquer cavallo que me agradar.

— Não, emquanto eu estiver por perto, respondeu Richard.

E como o rapaz, em resposta, começasse de novo a bater no animal, Richard apeou, arrancou-lhe o chicote das mãos e poz-se a vergastal-o. Mas a operação não proseguiu, porque Richard viu interpor-se entre elle e as costas do outro uma joven, que, erguendo a mão, atirou-lhe uma bofetada. E quando ella partiu, levando comsigo o rapaz, Richard acompanhou-a com os olhos e teve curiosidade de saber quem era aquella audaciosa e encantadora rapariga que o deixava com o rosto a arder. Era a filha unica do coronel Mr Clelland, o maior fazendeiro daquellas paragens; o rapaz era Tom Gould, de New York, que estava a passeio na fazenda, informava Curt Evans, que ao mesmo tempo se apresentava: "administrador da fazenda do pae da senhorita Jean Mc Clelland". E para concluir elle dizia:

Puxou do revólver e visou a cabeça do rapaz.

— Ella é como "Rompe Ar", o cavallo de seu pae. Ninguem monta nelle e ninguem a subjuga.

— Bobagem . . . Não ha neste mundo de Deus cavallo que não leve sella nem mulher que não se dome.

— Bobagem? Eh! eu queria ver você montar "Rompe Ar", e gostaria mais ainda de vel-o domesticar a senhorita Jean.

— Aposto com você 50 dollars, que em tres dias montarei em "Rompe Ar" e beijarei a senhorita Jean, desafiou Richard.

Era a filha unica do coronel Mc Clelland.

— Topo, disse Evans contente, com a certeza de ter mais 50 dollars no bolso dentro de tres dias.

No dia seguinte, Richard dirigiu-se á fazenda de Mc Clelland, onde já chegara a noticia de sua façanha que causára uma impressão que não lhe era nada favoravel. Richard procurava trabalho, e como o fazendeiro hesitasse, elle lhe propoz montar em "Rompe Ar", que lhe haviam dito ser indomavel, em troca de um emprego.

Mc Clelland ia recusar, mas o irmão de Jean, certo de que Richard receberia o premio que merecia, interveiu e a proposta foi acceita.

Dirigiram-se todos á estrebaria. "Rompe Ar", magnifico exemplar de boa raça, nervoso e arisco, foi puxado para fóra. De repente Richard poz-se a assoviar, modulando uma toada original, e o cavallo levantou a cabeça, aprumou as orelhas e trotou para o lado de Richard, deixando-se animar como um cão. Richard, então, com espanto geral, galgou a sella, deu uma volta pelo terreiro tranquillamente. Quando elle apeou, a moça, não podendo occultar o seu assombro, dirigiu-se a elle e lhe perguntou onde aprendera aquella toada com que domava os cavallos.

— Aprendi-a de um velho homem de circo. Dizia-me elle que não havia cavallo nem mulher que um homem não pudesse domar, e eu acredito, respondeu Richard olhando-a dentro dos olhos.

E assim Richard Manners entrou para o serviço da fazenda, sob as ordens de Curt Evans.

Por essa occasião chegava á villazinha uma senhora, Kate Iberri, e sua filha Ricarda, que Richard conhecera ligeiramente no Leste. Elle foi visital-as ao hotel, auxiliando com dinheiro a dama que estava agora invalida e abandonada pelo marido. Richard gostava muito da pequena Ricarda e prometteu a si mesmo olhar por ellas emquanto ali permanecessem.

Capacitado a dizer a Richard que sua esposa...

No terceiro dia de serviço na fazenda, Richard deparou com um bezerro que havia quebrado a perna, e estava a pensar no que devia fazer, quando delle se approximou a joven filha do seu patrão. Depois de algumas palavras sobre o animal, Richard tirou o revólver, dizendo que o melhor era pôr termo aos soffrimentos do pobre animal.

— Oh! não, não faça isso! exclamou Jean, não ha outro recurso a tentar senão esse?

Richard respondeu que na verdade já ouvira falar em encanar pernas de vaccas e bezerros. Elle poderia tentar o emprego das talas, mas era preciso que o animal fosse tratado com extremo cuidado; precisaria de uma enfermeira.

Jean promptificou-se a desempenhar essa tarefa, e o rapaz iniciou acto continuo o tratamento do animal.

Ao apreciar a maneira delicada com que aquelle latagão manejava o pobre animalzinho, a moça sentiu seu coração bater de um modo incomprehensivel, e, quando a operação terminou, ella se afastou lentamente, sem uma palavra.

Richard viu-a partir e começou a modular a toada do circo que havia assoviado para "Rompe Ar". A' primeira nota, a moça parou e Richard, sempre a assoviar, caminhou para ella e beijou-a na bocca. A joven enrubeceu e disse-lhe:

— Você ganhou a aposta. Agora póde ir á aldeia e dar a noticia a todo mundo...

Mas antes que Richard pudesse responder, Tom Gould irrompeu, livido e colerico com o que havia presenciado. Sem uma palavra puxou do revólver, visou a cabeça do rapaz, mas Richard não lhe deu tempo — desarmou-o e falou:

— Moço, da ultima vez que te castiguei foi com um chicote, mas de outra que te metteres commigo, ponho-te sobre os meus joelhos e dou-te umas palmadas.

Nesse entrementes surgiram tambem

(*Termina no fim da revista*)

Era a Sra. Iberri que apontava Colby...

A MAIOR PROVA DE AFFECTO

(THE BONDED WOMAN) — *Film Paramount* — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Angela Gaskell	BETTY COMPSON
John Summer	JOHN BOWERS
Lee Marvin	RICHARD DIX
Capitão Gaskell	J. Farrell Mac Donald
Lucita	Ethel Wales.

Uma janella bateu com força, com um ruido secco. Em volta da casa, num redemoinho, bailaram no ar nuvens de pó, pedaços de troncos, um montão de folhas seccas. Ao longe, o rugido poderoso dos elementos desencandeados avolumou-se em violento crescendo. A chuva, puxada por impetuosas lufadas de vento, começou a fustigar as vidraças, como se as quizesse quebrar. A tormenta abateu-se sobre a casa numa furia infernal, derrubando as cornijas, arrancando as venezianas dos seus engates, fendendo em dois o páo de bandeira, a meio do jardim.

Angela Gaskell voltou-se para Lee Marvin com um arrepio presago:

— Papae tem enfrentado innumeras tormentas — disse tremendo — mas este vendaval está terrivel. Oxalá elle realise a promessa do seu radiogramma! De resto, eu bem sabia que elle não deixaria de estar presente no anniversario da sua filhinha! Adorado papae! Que te parece, Marvin? Achas que elles possam vencer a tormenta?

Marvin deu-lhe uma pancadinha no hombro, buscando tranquilisal-a.

— Se Pedro Gaskell não a puder vencer, Angela, então é porque ninguem pode! Além do que, o "Cometa" é o melhor navio que nós temos. De todo o modo, estão apenas a uma distancia de vinte milhas, e a competencia de teu pae justifica que se aposte nelle contra qualquer tempestade do mundo. Não te apoquentes, Angela. Não ha nada de grave na situação.

Mas Lee Marvin, ao mesmo tempo que a Angela, buscava tranquilisar-se a si mesmo, e quando o telephone fez ouvir o seu retinir estridente, antes que Angela, elle precipitou-se ao apparelho. E bom foi que o fizesse.

Angela nunca mais se poude esquecer dessa noite. A ventania abrandou aos poucos, até morrer. A chuva parou de todo. As estrellas foram sahindo, uma após outra. O céo estava em paz. Mas essa calma era como um escárneo para Angela, que continuava sem noticias de seu pae.

Um dia elle foi fazer as despedidas...

O "Cometa" batera contra um penhasco e só dois escaleres salva-vidas haviam logrado alcançar a costa. O pae de Angela não estava em nenhum delles.

Só pela madrugada puderam a tia e Marvin convencel-a a regressar á casa. Que aspecto absurdo tinham agora as decorações feitas para a festa dos seus annos! Como eram agora grotescas e futeis aquellas rosas de papel "chiffon", aquelle bolo com as velas espetadas ao centro, a mesa desamparada da figura do papae, sempre a mexer com ella, a commentar o gradual "envelhecimento" da filha!

Abatida de todo, deixou-se cahir n'uma cadeira. Mas o improviso alarido de vozes, lá fóra, galvanisou-a, tornou a chamal-a á vida. John Summer, o vigoroso primeiro piloto do "Cometa", cambaleou porta a dentro, trazendo nos braços, o corpo desaccordado de Pedro Gaskell.

Com certeza elle a transportara por qualquer meio para terra...

Angela consumiu muitas semanas na tarefa de chamar seu pae novamente á vida. Mas o temporal quasi o liquidára. Angela bem sabia a gravidade das contusões que o ancião recebera, e tinha a certeza de que elle não mais poderia tornar ao mar. Essa impossibilidade por pouco não abateu de vez o coração do velho marinheiro, e só o carinho enternecido da filha, a rude sympathia de Summer, e a bondosa solicitude de Marvin, lhe deram coragem de continuar a viver. Marvin anciava por dedicar-se: em primeiro logar porque amava Angela, em segundo logar porque se sentia grato ao excellente homem que durante tantos annos se dedicára aos interesses da firma de Marvin & Filho. Sabia, porém, que nem Gaskell nem Angela lhe acceitariam a caridade.

Angela, ella propria, lhe resolveu o embaraço, solicitando um logar nos escriptorios da companhia. E sentiu-se feliz de a ter assim, perto de si, muito embora deplorando que ella tivesse que trabalhar para viver. Resignava-se na esperança de poder algum dia evitar-lhe essa contingencia.

Summer desejava tambem dedicar-se

Em primeiro logar porque amava Angela, em segundo logar por esse homem bom com quem durante muitos annos trabalhára. Não só por elle, entretanto, arrostára os perigos daquella horrorosa noite no mar; não só por elle, ao embate da tormenta, se aferrára durante essas horas de tortura, ao fragil madeiro com uma das mãos e a Gaskell com a outra, não só por elle se arrastára, monte acima, até á casa dos Gaskell, com aquelle corpo inerte e flacido nos braços. Não. Em parte fizera-o tambem por Angela, por aquelle aperto de mão caloroso, por aquelle punhado de reconhecidas lagrimas, quando ella lhe agradecera com labios trementes, incapazes de articular palavras.

Se elle vinha tão amiude ver o capitão convalescente, era tambem na esperança de ver Angela. Doia-lhe a solicitude de Marvin para com a moça, e esse resentimento dos dois homens era reciproco, mais fundamentado embora do lado de Marvin, por isso que Summer tinha o maior defeito que podia ter um marinheiro: era um bebedo.

Um dia elle foi fazer as suas despedidas a Angela, e a moça viu-o embriagado pela primeira vez. O desapontamento que dahi lhe veiu foi bem maior do que o que ella deu a conhecer. Seduzira-a de facto, o vigor ferreo daquelle homem, a coragem que o acompanhava. O heroico salvamento de seu pae, puzera-a numa insolvavel divida de gratidão para com Summer e fizera augmentar o affecto que lhe tinha. Essa fraqueza que agora descobria nelle desferia um tremendo golpe na sua admiração. A circumstancia delle beber demais não diminiu, porém, o seu reconhecimento e levou-a a pedir a Marvin que lhe arranjasse um emprego. E a passividade de Marvin ante o querer de Angela era tal, que o armador fez-lhe a vontade, muito embora fosse voz corrente, entre a gente do mar, que Summer para mais nada podia dar.

... deixou marcar o dia do casamento.

...e poz-se a olhar para as paredes da cabana...

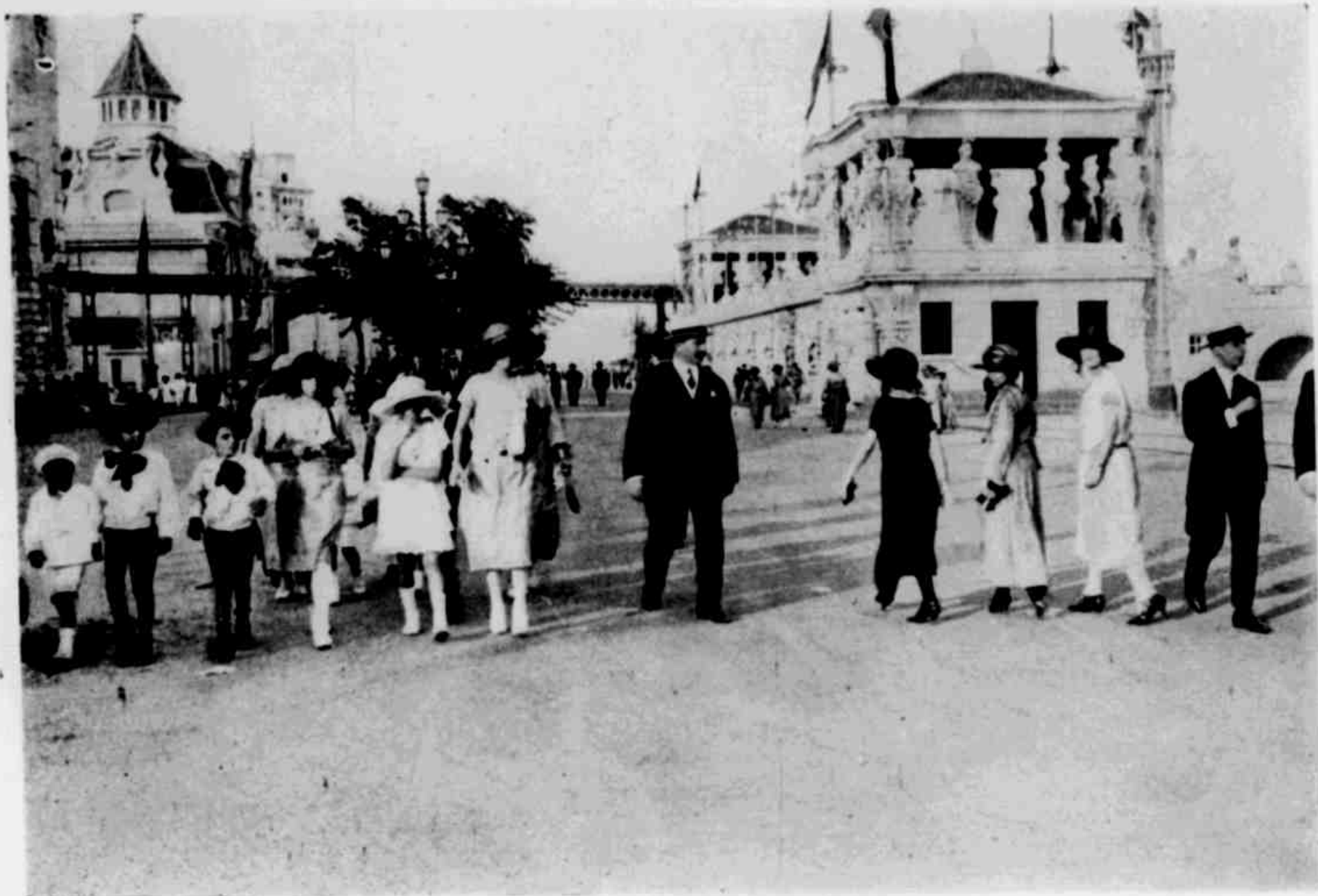
Com grande espanto de Marvin e surpresa de Angela, essa offerta foi rudemente recusada.

— Nada lhe agradeço porque, como vê, nada tenho que lhe agradecer. Se algum dia quizer de si alguma coisa, far-lhe-ei eu proprio o meu pedido. Por agora, estou arranjado: tenho collocação a bordo do "Tuckaho", que parte hoje para o Oriente. Adeus, menina Angela! — accrescentou seccamente. E logo se afastou.

Nos escriptorios de Marvin & Filho, Angela em breve adquiriu tal proficiencia que dali a pouco assumiu o logar de secretaria particular do joven Marvin. Estava ella no escriptorio, attendendo ás suas occupações de todos os dias, quando chegou um telegramma da agencia da Australia, annunciando que estava prompto a zarpar o mais novo de todos os navios da firma, mas que só havia disponivel um homem que o pudesse commandar: John Summer.

— Não, Angela, — declarou severamente Marvin, resentido ainda pela recusa da sua expontanea offerta — por nada deste mundo quero aquelle bebado do Summer a bordo de um dos meus navios! Telegraphe já a Rankin, em Sydney, para que não entre em nenhum accordo com elle.

— Mas, por favor, Sr. Lee — supplicou Angela — reflicta primeiro. John não anda bebendo agora, e...

(Termina no fim da revista)

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Hoje e sempre, grandes attracções. Illuminação deslumbrante. Musica, variedades, diversões infantis.

Os pavilhões nacionaes e estrangeiros acham-se abertos desde ás 10 horas da manhã, podendo ser visitados até ás 18 horas, excepção feita dos pavilhões dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Tcheco-Slovaquia e da Argentina, que se conservarão abertos tambem á noite, e o pavilhão japonez, até ás 20 horas.

A entrada é gratuita para a visita ás secções industriaes da praça Mauá, onde o publico terá occasião de conhecer os mais modernos machinismos e os melhores productos fabris dos paizes representados no grande certamen.

No pavilhão americano da Avenida das Nações funccionará, diariamente, das 10 da manhã ás 9 da noite, um cinematographo interessante.

May McAvoy

O *Photoplay* classificou os seguintes trabalhos como os melhores do mez de Dezembro: Mary Pickford no papel de "Tess", em *Tess of Storm Country;* Wallace Beery no de "Ricardo Coração de Leão", em *Robin Hood;* Betty Compson no de "Jocelyn", em *To have and to hold*, da Paramount; Jackie Coogan no de "Oliver Twist Jr.", no film do mesmo nome e George Nichols no de "Pae", e Helen Jerome Eddy interpretando "Laura", em *The flirt*, da Universal.

☆ ☆ ☆

Os leitores se lembram de *Ferreteada*, com Hayakawa, Fannie Ward e seu marido, Jack Dean, nos tres papeis principaes e que tanto successo alcançou aqui, no Rio? A Paramount vae filmal-a outra vez com Pola Negri, Jack Holt e Charles de Roche (Rochefort), aquelle actor francez que vimos ha pouco em *Paixões da bella Hespanha*, e que agora se acha na America como candidato a substituto de Rodolph Valentino.

☆ ☆ ☆

Pola Negri occupou o camarim de Mary Pickford, quando era da Paramount.

☆ ☆ ☆

Wanda Hawley tambem foi contractada para trabalhar em *Masters of men*, da Vitagraph.

Uma voz na tréva

(VOICE IN THE DARK) — *Film Goldwyn — Producção de* 1921

DISTRIBUIÇÃO

Harland Day . .	Ramsey Wallace
Blanche Warren .	Irene Rich
Joseph Crampton .	Alec Francis
Hugh Sainsbury .	Allan Hale
Adele Warren . .	Ora Carew
Chester Thomas .	William Scott
Tenente Lloyd . .	Richard Tucker
Amelia	Alice Hollister
A Sra. Lydriard .	Gertrude Norman
Superintendente. .	James Neill

OPINIÕES DA CRITICA

Historia mysteriosa, com um enredo sensacional e desfecho inesperado. Emocionante.

Moving Picture World.

Melodrama sensacional que deixa o espectador suspenso até o desfecho.

Exhibitor's Trade Review.

Bem feito, bem representado.

Exhibitor's Herald.

Peça de theatro que nada perdeu do seu interesse passando para a téla.

Wid's.

— Ah ! Blanche querida, receio que tenhamos de atravessar momentos bem duros. Sei, na verdade, que Adele está absolutamente innocente, mas como ella foi vista com o Dr. Sainsbury pouco antes de ser elle morto, naturalmente as suspeitas recahem sobre ella. E a circumstancia do seu desapparecimento aggrava ainda mais o caso. Mas não te aborreças dessa fórma. Adele não tardará a ver-se livre de toda a complicação, estou certo.

Assim falava Harland Day, o juiz districtal, á moça que o official de guarda lhe introduzira no gabinete.

Blanche meneou a cabeça num gesto de desanimo, e abriu o jornal que havia comprado e que annunciava novas referentes sobre o crime. Começou a lel-o, mas interrompeu-se, erguendo os olhos e cravando-os no espaço, como a contemplar uma scena invisivel.

Harland, de pé, atraz della, lia por sobre os seus hombros.

— Está bem, commentou elle, si é verdade que a velha dama póde identificar a rapariga que ella diz ter visto, a solução não tardará.

Esse testemunho era o de uma velha, Sra. Lydriard, surda e paralytica, recolhida ao senatorio do Dr. Sainsbury. Declarava ella ter visto o Dr. Sainsbury emergir de um bosque existente nos terrenos do sanatorio, dar alguns passos e cahir. Atraz delle surgiu uma rapariga apressadamente; chegando junto do homem contemplou-o um instante e voltou a correr para o bosque. A testemunha affirmava categoricamente que a moça empunhava um revólver.

Um moço e uma moça, irmão e irmã...

— Vê, exclamou Harland, isso afasta Adele do negocio, pois a Sra. Lydriard conhece Adele, que esteve tambem no sanatorio do Dr. Sainsbury.

Em seguida, o joven magistrado aconselhou Blanche a ir para casa e a não se mortificar. Não queria ver sua futura esposa soffrer daquella maneira, dizia elle com ternura.

Um sorriso fugaz illuminou a tristeza dos olhos de malva de Blanche, e ella, agarrando num gesto de exaltação amorosa a cabeça de Harland e puxando-a para si, murmurou:

— Ah ! Harland, penso que morreria si este ou qualquer outro facto pudesse provocar um afastamento entre nós.

— Oh ! minha adorada, nada, absolutamente nada, será capaz de modificar meus sentimentos para comtigo, emquanto tu me amares, afiançou elle com fervor.

O cégo agitou-se, voltando-se na cadeira...

Na manhã seguinte o telephone de Blanche chamou com insistencia. Era Harland quem falava:

— Prepara-te para um choque, dizia elle. Preciso falar-te immediatamente. Tenho informações muito sérias. Pelo telephone não convém. Pódes vir encontrar-me agora?

E logo que Harland se achou junto della, contou:

— A tal Sra. Lydriard deu os signaes da rapariga vista por ella, é uma dama que tem um restaurante á margem da estrada, proximo do sanatorio; declarou que esses signaes diziam perfeitamente com uma pessoa que passára por sua casa, que ella tinha a certeza de já ter visto antes e sabia chamar-se... (Harland fez uma pausa perscrutando com o olhar o rosto da moça) Blanche Warren!

— Oh! não, não! protestou ella com voz sumida. Mas era isso, entretanto, o que ella esperava e temia.

— Tu sahiste no dia do assassinato? indagou Harland. E como percebesse a hesitação e o esforço da noiva para mentir, proseguiu: — E' inutil negar. Leio em tua physionomia. Mas por que não me dissestes isso antes?

A moça respondeu que tivera receio, não delle propriamente, mas do juiz Harland, que poderia declarar Adele culpada.

Harland, entretanto, exigiu-lhe a confissão. Como magistrado queria conhecer a verdade. Elle sabia qual seria a situação della si a identificassem como a mulher do revólver.

Blanche levantou-se de um salto, protestando contra a suspeita, mas Harland procurou acalmal-a. Não duvidasse do seu amor, tudo faria por ella, mas que dissesse como se haviam passado os factos. A moça então narrou:

— Pois bem, fui lá naquelle dia,

...trazia pelo braço um velho de cabeça grisalha...

Acredito, mas lamento ter de deter-vos...

porque Adele me escrevera que se ia casar com o Dr. Sainsbury, e eu desejava conversar com ella antes...

Nesse momento o telephone chamou, Harland foi attender e espondeu:

— Muito bem, traga-a para aqui immediatamente.

Deixando o apparelho, pediu a Blanche que passasse para a sala contingua, emquanto elle despachava os visitantes que iam entrar. Blanche viu-se conduzida para um pequeno gabinete. Havia ali uma rapariga sentada em attitude derreada. Blanche examinou-a e gritou:

— Adele!

E as duas irmãs cahiram uma nos braços da outra, chorando convulsivamente. E Harland, que contemplava a scena commovente, da porta entreaberta, disse sorrindo e procurando encorajal-as:

— Adele achou melhor vir dizer-me o que sabia e pedir o meu conselho.

Mas nisso Harland ouviu vozes na ante-sala e recuou do aposento, fechando apressadamente a porta.

(Termina no fim da revista)

Os melhores films de 1922

1920 nos deu *Humoresque*, *A marca de Zorro* e *Way down East*. 1921 nos deu *Tol'able David*, *O garoto* e *Os tres mosqueteiros*. De 1922 escolheremos *Robin Hood*, *Orphams of the Storm* e *When Knightwood was in flower*. São essas as tres melhores producções do anno. Mas não foram só estas, por isso que o anno de 1922 foi geralmente superior aos anteriores. Podemos citar entre os bons films: *Grandma's Boy* (Associated Exhibitors), *Tess of the Storm Country* (United Artists), *When Knightwood was in flower* (Cosmopolitan-Paramount), *Peg o'my Heart* (Metro), *Orphams of the Storm* (United Artists), *Blood and Sand* (Paramount), *The Storm* (Universal), *The Prisoner of Zenda* (Metro), *Smilin through* (First National), *The Sin flood* (Goldwyn) e *Nanook of the North* (Pathé). Entre os artistas que se notabilisaram pelas interpretações, citaremos Laurette Talyor em *Peg o'my Heart*, sua estréa cinematographica; Mary Pickford em *Tess of the Storm Country*; Douglas em *Robin Hood*; Harold Lloyd em *Grandma's Boy*; Lillian Gish em *Orphams of the Storm*; James Kirkwood em *The Sin Flood*; House Peters em *The Storm*; Rodolph Valentino em *Blood and Sand*; Marion Davies e Lyn Harding em *When Knightwood was in flower*. Essas são as grandes producções do anno. Outras podem ainda ser citadas porém, em segundo plano, dignas entretanto de louvor por occuparem logar muito acima da média commum. São: *Hungry Hearts* (Goldwyn), *The Eternal Flame* (First National), *The Ruling Passion* (United Artists), *East is west* (First National), *Brothers under the skin* (Goldwyn), *Outcast* (Paramount), *The Cradle buster* (American Releasing), *Fool's first* (First National), *Shadows* (Lichtman), *The trap* (Universal), *The Glory of Clementina* (F. B. O.), *The Little Minister* (Vitagraph), *The sign of the Rose* (American Releasing), *The stroke of Midnight* (Metro), *Forget Me-Not* (Metro), *The Bachelor daddy* (Paramount), *In the name of the Law* (F. B. O.), *Just Tony* (Fox), *The Grey down* (Hodkinson), *The three Must-get-theres* (Max Linder), *Sonny* (First National), *Oliver Twist* (First National), *Enter Madame* (Metro), *Rags to Riches* (Warner Bros). *Quincy Adams Sawyer* (Metro), *Turn to the right* (Metro), *The town that forgot God* (Fox), *Sherlock Holmes* (Goldwyn), *Our leading citizen* (Paramount), *Clarence* (Paramount), *Too much business* (Vitagraph), *The old Homestead* (Paramount), *Trifling-women* (Metro), *Sky high* (Fox), *Minnie* (First National), *Reported missing* (Selznick), *A real adventure* (Associated Exhibitors), *Nice people* (Paramount), *To Have and to Hold* (Paramount), *Good men and true* (Hodkinson), *Nero* (Fox), *A front page story* (Vitagraph), *The five dollar Baby* (Metro), *The Man who played God* (United Artists), *Troube* (First National), *One week of Love* (Selznick), *Missing husbands* (Metro), *The good Provider* (Paramount), *Manslaughter* (Paramount), *My wild irish Rose* (Vitagraph), *If you believe it its'so* (Paramount), *Head Hunters of the South Seas* (Associated Exhibitors), *Silas Marner* (As-

Uma scena do film da Metro, "All the brothers were valliant", com Billie Dove.

(TERMINA NO FIM DA REVISTA)

CONCURSO CINEMATOGRAPHICO DO "PARA TODOS..."

Grande concurso de 1922

Como nos annos anteriores resolvemos abrir um concurso cinematographico indagando de nossos leitores suas preferencias sobre os artistas, films e marcas no decurso do anno de 1922. Para esse fim publicamos abaixo um "coupon" que destacado e preenchidos os claros nos deve ser devolvido até o dia 31 de Março futuro.

1º—QUAL A ARTISTA QUE MAIS LHE ENCHEU AS MEDIDAS EM 1922?
2º—QUAL O ACTOR QUE MAIS LHE AGRADOU EM 1922?
3º—QUAL O MELHOR FILM DE 1922?
4º—QUAL A MARCA QUE MELHORES FILMS APRESENTOU EM 1922?

Iremos publicando a votação á proporção que recebermos os votos.

Concurso do PARA TODOS
— 1922 —

1º—Qual a artista que mais lhe encheu as medidas em 1922?

....

2º—Qual o actor que mais lhe agradou em 1922?

....

3º—Qual o melhor film de 1922?

....

4º—Qual a marca que melhores films apresentou em 1922?

....

Data .... *(Assignatura)*

....

Cidade .... *Estado* ....

UMA VOZ NAS TREVAS

(Fim)

Pouco depois elle voltava ao gabinete onde deixára as moças e pediu a Blanche que o acompanhasse ao seu gabinete, onde estavam a velha dama paralytica, Sra. Lydriard, na sua cadeira de rodas, um policial e o collega de Harland, Chester Thomas.

Blanche sentiu-se estremecer sob o magnetismo daquelles olhares que a fixavam com intensa curiosidade.

Harland não se demorou a interrogar a doente:

— Reconhecia ella a moça que ali estava?

E a velha respondeu affirmativamente, como affirmou tambem que Blanche fôra a mulher que sahira do bosque empunhando um revólver.

Harland, extremamente pallido, interpellou a noiva, e Blanche, cheia de horror, apenas teve forças para responder:

— Eu estou innocente, Harland! Não sei quem foi! Eu te direi tudo em particular.

— Thomas e eu acreditamos na tua e na innocencia de Adele, mas ha um mysterio em torno desse caso, que temos de desvendar. Vós ambas podeis auxiliar-nos, porém é preciso que nos faleis a verdade absoluta.

Blanche affirmou que diria tudo quanto soubesse, e o magistrado fez evacuar a sala. Blanche, então, continuou a narrativa no ponto em que havia sido interrompida:

— Quando recebi o bilhete de Adele, informando-me que se ia casar com o Dr. Sainsbury, resolvi impedir esse casamento, si a persuasão não bastasse.

— E por que? indagou Harland

— Conheci Sainsbury ha alguns annos atraz, quando em grupo de amigos visitavamos os meandros do bairro chinez. Desde esse dia elle se mostrou muito interessado por mim, até que certa noite convidou-me para um passeio de automovel, que eu acceitei, por acreditar na sua apparencia de perfeito *gentleman*. Elle levou-me ao restaurante campestre, visinho do qual está o seu actual sanatorio, e eu que ignorava que especie de casa era, diverti-me immensamente com o passeio. Minha illusão, porém, foi curta, porque Sainsbury não tardou a revelar-se a sorte de bruto libertino que era. Não posso dizer-vos o que se passou, mas um dos gabinetes reservados daquella casa foi theatro de uma scena terrivel. Libertei-me delle e regressei sósinha á cidade. Nunca mais o vi, até outro dia...

— O dia do crime? aparteou Thomas.

— Sim... quando cheguei á estação resolvi tomar pela facha do bosque que delimita os terrenos do sanatorio. Encontrei ali Sainsbury e minha irmã, que se dirigiam á casa do pastor da aldeia para se casarem. Pedi a Adele que adiasse o acto até que eu tivesse uma conversa com ella, mas minha irmã recusou-se. Voltei-me para Sainsbury e implorei-lhe que deixasse Adele tranquilla, porém elle escarneceu de mim. Suppliquei-lhe, então, alguns momentos de colloquio particular, elle percebeu a gravidade com que eu lhe falava e attendeu-me. Ameacei-o de contar a minha irmã a scena da taverna, e elle exasperado desafiou-me a fazer o que quizesse. Ao dizer isso deixou-me, tomando pelo atalho que seguira Adele, sósinha, na frente, emquanto eu e elle conversavamos. Resolvida a correr á casa do pastor, afim de impedir o enlace, tomei por um outro atalho, mas nesse momento ouvi um tiro e um grito agudo que me pareceu de Adele. Precipitei-me naquella direcção e vi Sainsbury a sahir titubeante do bosque.

— E não viste outra pessoa qualquer? inquiriu Harland.

— Absolutamente não, apezar de olhar em torno. Pareceu-me ouvir um rumor nas moitas, mas compellida pelo meu instincto de soccorrer a Sainsbury, si elle estivesse ferido, puz-me a acompanhal-o, quando vi a meus pés um revólver. Sem saber bem o que fazia, apanhei a arma e fui até junto de Sainsbury, que cahira á orla do bosquezinho. Quando voltei a mim da especie de inconsciencia em que me deixara a violencia daquella tragedia, vendo-me perto de um homem morto, disparei a correr, atirando nessa occasião, o revólver para uma das moitas. Tomei um trem para a cidade, sem saber onde estava Adele, mas convencida de que não fôra ella a autora do crime. Affirma-se que Sainsbury não se suicidou, então alguem o matou, alguem a quem elle causara algum mal.

Terminada a narrativa, Harland e Thomas se entreolharam. Havia ali um mysterio capaz de regosijal-os, pelo que requereria de intelligencia e argucia para ser desvendado, si não estivessem nelle compromettidas cousas que lhes eram tão caras. Nesse momento um policial veiu dizer ao magistrado que havia na ante-sala um joven cavalheiro que desejava falar-lhe.

Harland ia recusar-se a recebel-o, mas informado de que o visitante vinha pelo "caso Sainsbury", mandou que o introduzissem.

— Que! E' Tom Hemingway, exclamou Blanche, ao ver o rapaz, que trazia a physionomia transtornada.

Tom fôra namorado de Adele e Blanche olhava com esperança o futuro dos dois jovens, pois não faltavam qualidades a Tom para que a vida lhe fosse

uma conquista facil e risonha. Mas um dia Adele viu-se acommettida de uma forte depressão nervosa, consequencia das fadigas da vida mundana intensa a que se atirara, e teve de recolher-se a um sanatorio para recuperar as forças. Blanche estava ausente e por isso Adele foi cahir na casa de saude de Sainsbury.

Quando o joven terminou a troca de palavras com Blanche, a quem elle pedia ancioso noticias de Adele, Harland approximou-se e perguntou-lhe o que desejava elle communicar-lhe.

Tom estremeceu visivelmente ao encarar com o magistrado e explicou que tendo ouvido falar que Blanche e Adele eram suspeitas do assassinato do doutor, elle vinha dizer que tinha conhecimento *positivo* da innocencia de ambas.

Harland perguntou-lhe qual era esse conhecimento *positivo* e Tom retrucou não possuir provas, mas sabia que ellas absolutamente não haviam praticado aquelle crime. Travou-se um dialogo cerrado entre o representante da lei e o joven, no correr do qual Harland verificou que Hemingway guardava resentimentos de Sainsbury, em cujo estabelecimento elle, aliás, tinha uma irmã, Amelia, enfermeira da dama Lydriard. Tom estivera lá em visita a sua irmã, confessou-o ao magistrado accrescentando:

— Vejo aonde desejaes chegar, mas não fui eu o autor do feito.

— Acredito, mas lamento ter de deter-vos, replicou Harland. Parece-me que sabeis alguma cousa que nos occultaes.

O rapaz protestava com vehemencia, mas Harland deixou de dar-lhe attenção, para ouvir do seu collega Thomas, que attendia ao telephone, a communicação do apparecimento de uma nova testemunha, desta vez um cégo, recolhido tambem ao mesmo sanatorio. O cégo não tardaria e Harland pediu a Hemingway que se retirasse para outra sala, emquanto elle ouvia a testemunha. Pouco depois, Thomas trazia pelo braço um velho de cabeça grisalha. Uma vez diante do magistrado, o homem começou a falar:

— Sabendo que um grande mysterio envolvia a morte do nosso doutor, acreditei que podia ajudar a desvendal-o. Vós deveis saber que nós os cégos temos o sentido auditivo extraordinariamente desenvolvido, não é exacto ? Pois bem, o que tenho a dizer-vos, prende-se á faculdade de ouvir com agudeza. Na tarde do assassinato achava-me eu na estação aguardando um trem para a cidade, quando na sala de espera entraram duas pessoas. Não sei si ellas me viram, mas em todo caso falavam em voz baixa, e a uma distancia sufficiente para não se acreditarem ouvidos.

— Que especie de pessoas eram ? interrompeu Harland.

— Um moço e uma moça, irmão e irmã, segundo percebi. Ella mostrava grande desespero e, depois de muita insistencia do homem para saber a causa da sua desdita, a moça confessou que havia atirado no doutor, que a enganára e ludibriára. Quem eram elles não sei, mas affirmo que reconheceria a voz delles entre milhares de outras.

— Tendes certeza que reconhecereis a voz da mulher ? E como o cégo confirmasse, Harland dirigiu-se a Blanche:

— Miss Warren, qual é a distancia da estação ao bosque ?

— E' muito perto; elle começa justamente do outro lado da estrada.

— E' esta a voz da mulher, Sr. Crampton ? perguntou Harland ao cégo.

— Não, senhor.

Harland fez um gesto a Thomas e este foi abrir a porta do aposento em que ficára Adele. E como esta entrasse no gabinete, Harland perguntou-lhe:

— Conheceis pessoalmente ao Sr. Crampton ?

E Adele sem saber a experiencia a que estava sendo submettida, respondeu:

— Não. Já o vi uma ou duas vezes, mas nunca lhe fui apresentada.

Crampton accenou com a cabeça, declarando que não, aquella não era a voz da mulher que elle ouvira na estação. No momento de silencio que se seguiu áquella scena, veiu da ante-sala um rumor de vozes. O cégo agitou-se, voltando-se na cadeira como si quizesse ver através da divisão quem falava e indagou com interesse quaes eram as pessoas que conversavam lá fóra. Um guarda appareceu á porta, dizendo que a enfermeira da Sra. Lydriard desejava saber si já não era necessaria a presença da velha dama, para que ella pudesse leval-a. O magistrado respondeu que introduzissem a enfermeira, de quem elle queria uma palavra. E quando a rapariga entrou, com uma expresão de timida interrogação nos olhos, Harland inquiriu-a:

— Sois a enfermeira da Sra. Lydriard ?

— Sim, respondeu a joven, num tenue sopro.

— Vosso nome ?

— Amelia Hemingway.

— Estaveis em companhia da Sra. Lydriard no dia do assassinato ?

— Pois não, sim... isto é, parte do tempo... —

— E' esta a mulher ! interrompeu Crampton, numa exclamação, excitado.

Amelia estremeceu, olhou para o homem cégo e indagou medrosa:

— Que quer elle dizer ?

— Que vós matastes o Dr. Sainsbury, respondeu Harland.

A moça estatelou os olhos, seu rosto tornou-se livido e meio desmaiada ella deixou-se cahir numa cadeira. Harland poupou-lhe o trabalho de negar, dizendo-lhe a sua historia; era o velho conto da mulher ludibriada na sua confiança pelo homem e que não haveria jury que a condemnasse.

E tudo acabou como sempre acabam os *intermezzos* da vida. Adele achegou-se a Tom, pedindo-lhe perdão da sua leviandade e Harland sacudiu de si o espirito grave do magistrado, para se tornar simplesmente o homem que punha no amor de Blanche todas as suas esperanças, pedindo-lhe que naquella mesma noite marcassem o dia venturoso.

O JOGADOR DO AMOR

(Fim)

o coronel Mc Clelland e seu filho Jose. Tom contou-lhes a scena, mas Richard, de revólver em punho, mantinha os homens em respeito. Não tardou, porém, a atirar o revólver ao chão, e Jose, num gesto rapido, apanhou a arma, desfechando com ella um golpe no rosto do rapaz. Richard não reagiu, limitou-se a olhar para a joven, que, vendo o irmão na imminencia de repetir a façanha, interpoz-se, exclamando com vehemencia:

— Não lhe batas, Jose ! Richard fez o que eu desejava que elle fizesse.

Depois de tal incidente, Richard não podia continuar e foi despedido.

Mas nessa mesma noite elle voltou e disse á rapariga que a beijára porque a amava. Ia ganhar a vida, mas que quando voltasse nada os separaria.

Mais tarde, na villa, não tendo nada que fazer e torturado pelas saudades de Jean, Richard foi se distrahir no café da localidade, onde se jogava o *pocker*. Encontrou ali um parceiro bafejado com sorte identica á sua, naquella noite. Depois de muitas horas de jogo, Corneo Colby e Richard eram os unicos parceiros, e Richard querendo terminar o jogo propoz uma ultima parada com todo o seu lucro da noite.

Colby acceitou, Richard abateu quatro reis, porém encontrou na mão do parceiro um *four* de azes.

Nesse momento todas as attenções se voltaram aos gritos de uma mulher: era a Sra. Iberri, que apontava Colby, declarando que elle era seu marido e a havia abandonado e á filhinha.

Ouvindo isso, Richard levantou-se e intimou Colby a dar á esposa todo o dinheiro ganho no *pocker*.

Sabendo que Richard não era homem de palavras sem acção, Colby saltou já de revólver na mão, alvejando-o.

A Sra. Iberry viu o perigo que corria seu protector e metteu-se de permeio, justamente no instante em que o tiro partia. Recebendo a bala, ella cahiu, ao mesmo tempo que Richard, agil como um felino, atirava-se ao assassino, agarrando-o pelo gasganete. Na luta, o paletot de Colby abriu-se deixando ver uma serie de cartas de *batota*, engenhosamente escondidas em

bolsos internos. A revelação da ladroeira redobrou a colera de Richard, que com um murro fel-o rolar ao chão. E como o homem se levantasse a cambalear, Richard agarrou-o de novo, repetindo a intimação para que elle entregasse todo o dinheiro á mulher. Mas Colby declarou que aquella mulher não era sua esposa, mostrando a Richard, que repellia a affirmação como uma cynica mentira, dois certificados de casamento: um recente, com a dama Iberri, e outro, anterior, com uma outra mulher. Era um bigamo. Ouvindo a revelação, a pobre mulher, que se sentia morrer, fez vir Richard junto de si e supplicou-lhe que se casasse com ella *in extremis*, para que a pequenina Ricarda tivesse um nome e alguem que olhasse por ella quando sua mãe fechasse os olhos, o que não tardaria.

O rapaz hesitou um momento, pensando em Jean, mas considerando que essa mulher não passava de uma moribunda, e ferida por uma bala que era para elle, accedeu ao pedido e não tardou que um padre consagrasse a união.

Richard assumiu immediatamente as responsabilidades da sua nova situação.

Veiu o medico e declarou a Richard, com ar grave, que o estado da paciente era dos mais sérios e que nada mais podia dizer, sinão que faria tudo para salval-a.

Os dias correram, até que o doutor sentiu-se capacitado a dizer a Richard que sua esposa estava fóra de perigo.

Quando o facultativo partiu, Richard afundou-se em profunda meditação e veiu-lhe á mente o que de facto significava para elle o restabelecimento daquella mulher: era Jean, a sua querida. Jean, perdida para sempre. Um grande desespero invadiu-lhe a alma, mas por fim o rapaz dominou-se, decidido a supportar aquella adversidade com galanteria, sem nunca deixar transparecer á mulher o sacrificio a que ella o obrigára.

A convalescença de Iberri progredia. Um dia, a joven Jean Mc Clelland veiu ao hotel visitar Richard.

Ao avistal-a, Richard perguntou-lhe o que a trazia ali, e a moça respondeu que não pudera passar mais tempo sem vel-o. Viera para ter alguns momentos de palestra com elle, caso não fosse possivel alguma cousa mais.

— Mas, Santo Deus ! exclamou o rapaz, ninguem te falou da complicação em que estou mettido ?

Sim, ella ouvira falar vagamente num casamento, mas não acreditára.

Richard, então, fel-a sentar-se numa cadeira e contou-lhe toda a sua triste historia.

Jean ouviu em silencio, de cabeça inclinada, a olhar para o chão.

— Dize, minha adorada, dize que comprehendes minha situação, exclamou Richard com uma grande anciedade na voz e no olhar, ao terminar a sua narrativa.

A moça ergueu os olhos para elle e Richard viu-os inundados de lagrimas.

— Sim, fizeste bem, murmurou ella. Vae ser horrivel para nós, mas sofframos até que Deus se compadeça dos nossos soffrimentos.

Durante o tempo que durou a palestra de Richard e Jean, a pequena Ricarda que tinha muito ciume do seu amigo, esteve a espial-os, ouvindo tudo quanto elles haviam dito. Embora muito creança, o seu espirito extremamente vivo não deixou de perceber que aquellas duas creaturas gostavam uma da outra. E logo que Richard e Jean deixaram a sala, a menina correu para junto da mãe, a quem começou a fazer perguntas.

Admirada pela natureza do questionario da filhinha, Kate foi-lhe arrancando detalhes do que a menina dizia ter visto e ouvido. Quando soube tudo quanto Ricarda podia dizer-lhe, Kate mandou-a brincar fóra e mergulhou-se em grande concentração de espirito.

Ao cabo de uma hora, ella se levantou, escreveu um bilhete, collocou-o de fórma visivel sobre a mesa, depois foi a uma gaveta donde tirou um frasquinho, e voltou para o leito.

Mais tarde, quando Richard entrou no quarto para indagar como ella ia passando, viu o papel sobre a mesa e leu a mensagem da morta.

Kate agradecia-lhe o que tinha feito por ella, pedia-lhe que tomasse conta da filhinha e accrescentava, que visto que o medico sentenciara que ella seria mais ou menos uma invalida para o resto dos seus dias, era inutil conservar uma apparencia de vida que só serviria para obstaculo entre dois corações que se amavam.

Dois mezes depois desses acontecimentos, Jean veiu á villa, onde se encontrou com Richard, dirigindo-se ambos á casa do padre, que os uniu discretamente.

Quando elles chegaram á fazenda, e o coronel e seu filho souberam do caso, dir-se-ia que o mundo vinha abaixo. Mas a Sra. Mc Clelland surgiu de improviso e declarou em tom que não deixava duvidas:

— Si Jean quer se casar com Richard, está no seu direito. Já basta de tanta historia ! Afinal quem manda sou eu e o que digo faz-se. Comprehendem?

E, de facto, assim foi comprehendido. O coronel e o filho concordaram por mal naquelle momento e por bem mais tarde, quando tiveram occasião de apreciar que especie de homem era Richard Manners.

OS MELHORES FILMS DE 1922

(*Fim*)

sociated Exhibitors), *The Masquerader* (First National), *The toll of the Sea* (Metro), *Kick in* (Paramount), *Foolish Wives* (Universal), *The Hottentot* (First National), *The Loves of Pharaoh* (Paramount), *Fascination* (Metro) e *Ebb Tide* (Paramount).

São pois da Metro entre as 12 melhores 2 (16 por cento) e entre as outras immediatas 10 num total de 12, ou 16 *por cento* sobre 72 film enumerados.

Da Paramount 2 entre os 12 mais cotados (16 por cento) e 13 entre os seguintes num total de 15 em 72, ou 20 *por cento*.

Da Goldwyn 1 entre os 12 primeiros (0,8 por cento) e 3 entre os immediatos, ou 5,5 *por cento*.

Da United Artists 3 entre os 12 primeiros (25 por cento) e 3 entre os outros, ou 6 entre os 72, quasi 7 *por cento*.

Do First National 1 entre os 12 primeiros (0,8 por cento) e 9 entre os immediatos, ou 10 em 72, 13,8 *por cento*.

Da Associated Exhibitors 1 entre os 12 primeiros (0,8 por cento) e 3 entre os demais, ou 4 em 72, 5 *e meio por cento*.

Da Universal 1 entre os 12 primeiros (0,8 por cento) e 2 entre os demais num total de 3 em 72, ou 4 *por cento*.

Da Pathé 1 entre os 12 primeiros (0,8 por cento) e mais nem um entre os outros, ou 1,3 *por cento* entre os 72.

Da American Releasing 2 em 72, ou 2,7 *por cento*.

A F. B. O. (ex-Robertson Cole) nenhum entre os primeiros. Entre os 72 tem 2, ou 2,7 *por cento*.

A Vitagraph 4 entre os 72, ou 5 *e meio por cento*.

A Fox nenhum entre os 12 primeiros, 4 em 72, ou 5 *e meio por cento*.

A Hodkinson 2 em 72, ou 2,7 *por cento*.

A Selznick, idem, idem.

Os demais, quantidades muito pouco ponderaveis.

A MAIOR PROVA DE AFFECTO

(*Fim*)

— Como é que tu sabes isso ? — atalhou Marvin.

— Porque elle me escreve por todos os vapores, — respondeu Angela, sem temor.

— Ah!... Correspondem-se, hein ? — perguntou Marvin com ironia.

— Sim, ha muito tempo. Bem sabe que

a divida que tenho para com Summer é d'aquellas que não se pagam em toda a vida. Quero ajudal-o, fazel-o um homem, crear um estimulo para a sua vida, um attractivo que o faça viver, e nunca se leve cortar o impulso dos que se querem regenerar !

Desagradavel dilemma, esse em que se achava Marvin. Se cedesse, Summer voltaria algum dia e reclamaria Angela por esposa. Se não cedesse, isso só fortaleceria o affecto crescente de Angela pelo seu rival.

— Está bem — disse Marvin, finalmente. Cederei, mas só porque tu m'o pedes, Angela. Elle que apresente a fiança habitual e póde tomar conta do commando.

Angela correu a levar a seu pae a boa noticia. Mas Summer não tinha meios de prestar fiança, e essa difficuldade era irremovivel, que ella bem sabia. Angela, porém, era uma moça de expediente, e com o consentimento de seu pae, obteve sob a casinha que possuiam uma hypotheca de que não falou a Marvin.

Summer póde, assim, obter o seu commando e levou o navio em segurança ao porto de São Francisco. Angela correu a recebel-o.

— Quem prestou fiança por mim ? — foi a primeira pergunta do marinheiro.

— Fui... fui eu... Falei a papae...

— A senhora ?! A senhora é um anjo ! Mas vou recompensal-a pela sua confiança em mim. Não toco em alcool desde que larguei de Sydney, nem pretendo tocar nunca mais. E diga-me, Angela: Quer?... Acceita?...

— Sim John, sinto-me realmente orgulhosa de si ! — interrompeu precipitadamente Angela.

— Venha commigo: vamos communicar tudo ao Sr. Marvin. Encontral-o-emos no escriptorio, agora mesmo.

Mas os dois jovens não precisaram entrar, porque Marvin estava á porta.

— Summer — disse — e Angela se surprehendeu do tom lugubre da sua voz — não se encontram nem o dinheiro nem os papeis do navio. Diga-me o que sabe a este respeito !

Mas Summer nada soube dizer, de maneira que, não o accusando embora como ladrão, Angela e Marvin concluiram que elle era culpado, pois quando menos, deixára que durante alguma das suas bebedeiras alguem commettesse o roubo.

Em vão o coração de Angela intercedia por Summer. O espirito não the acompanhava o coração.

Summer era um destroço humano que não havia de se salvar. Trahira a confiança que se havia depositado nelle — um peccado realmente imperdoavel. Por sua parte fizera o que pudera. E cerrando os olhos, não cessava de repetir a si mesmo:

— Saldei a minha obrigação. Paguei a minha divida. Nada mais posso fazer.

E, depois disto, Angela varreu para sempre da sua vida a lembrança de John Summer

☆ ☆ ☆

Angela abriu os olhos devagar e póz-se a olhar para as paredes toscas de um quarto pequeno e escuro. Estava deitada sobre um monte de capim verde e fragrante, e sobre o seu semblante debruçava-se o rosto carregado e sombrio de um homem embriagado.

— Vae-te embora ! — disse com voz fraca. — Volta mais tarde... quando estiveres em teu juizo.

— E tu, como te sentes ? — perguntou o homem.

— Bem... Um pouco tonta, apenas. Vae-te embora por um momento. Preciso de pensar.

Sem uma palavra mais, o homem desappareceu pela porta estreita. Angela mergulhou mais na sua cama, franziu a testa, buscou reunir as suas ideas.

Até ahi tudo ia bem. Para ali fóra, com aquelle homem, por sua livre vontade. Agora, ia ver o que resultaria. Levantou penosamente um dos braços e afastou da testa os cabellos ainda molhados. Como sentira fortes os braços delle, na travessia do mar, e depois quando a carregára, praia acima ! Como elle era forte — physicamente ! Mas havia uma força maior do que essa: a coragem moral. E ella havia de insufflar-lh'a ! E sentia agora, mais do que nunca, que tudo quanto de desatinado e inverosimil que ella fizéra, fôra bem feito, que essa aventura tresloucada para salvação de uma alma era o que se impunha ao seu coração.

O seu pensamento remontou á origem de tudo. Fôra primeiro aquella carta delle, amarga e fria, incluindo um cheque de quinhentos dollars, em pagamento parcial da fiança de dez mil dollars que ella pagára por elle, e que elle julgava tivessem sido obtidos por Marvin.

A carta chegára na noite do seu casamento. Traduzindo por amor o que era apenas amizade e gratidão, incorrera no erro praticado por tantas outras mulheres, e promettera-se em casamento a Lee Marvin. Não o fizera porém, sem graves apprehensões. Nunca se lhe apagára no coração a lembrança do doloroso olhar de Summer, quando ella lhe mandára que desapparecesse da sua vida. A's vezes, quando mais feliz se sentia, ao lado de Marvin, era com esse semblante que Summer apparecia á sua visão. E quantas, quantas vezes lhe apparecia ! Ella sabia que isso não devia ser assim. Não obstante deixou marcar o dia de casamento, e os dias correram uns após outros, até chegar aquelle para que fôra marcada a cerimonia.

Viera então a carta, escripta de Honolulu, onde elle havia ganho um pouco de dinheiro, a commerciar de umas para outras ilhas. E uma tal onda de sentimento bramiu no seu coração á vista da letra do enveloppe, que Angela sentiu medo, medo da verdade que lhe irradiava diante da consciencia. Ella amava-o ! Tivesse elle feito o que tivesse, ella era sua mulher, uma mulher presa a elle pelos laços inquebraveis da gratidão e do amor. Clara como estava em seu espirito essa idéa, o que havia a fazer agora era procural-o e dizer-lhe tudo. Depois, ir a Lee Marvin e declarar-lhe que não podia desposal-o. Ao pansar nisso escondeu o rosto nas mãos, mas alçou-o de novo logo que sentiu fortalecer-se a sua resolução.

Revirou-se na sua cama verde da rude choupana, angustiada por todas essas lembranças. Já alguem disse que "Deus nos deu a memoria para que houvesse rosas em Dezembro", mas a Angela parecia-lhe que a memoria lhe fôra dada para outro fim. Era um açoite de castigo, uma represa de ferro opposta a uma felicidade demasiada. Levantou-se sobre um braço e lançou os olhos pela janella pequenina, cravada na parede. Lá fóra, as palmeiras de cerne negro elevavam as suas cristas esvoaçantes para a concha azul-turqueza do formoso céo tropical. Em baixo, alinhavam-se em grupo choupanas primitivas que outr'ora haviam servido de séde a uma companhia, já morta, para a exploração do coco. Não havia uma alma á vista. Angela conhecia bem essas ilhas, porque muito viajara com seu pae. A sua juventude passara-se por assim dizer a bordo de todos os navios que elle tinha capitaneado.

Assentara bem a sua escolha, reflectia. Ali teriam que passar longo tempo até que John Summer, desprovido de qualquer auxilio, pudesse pôr de novo em serviço o seu naviosinho ou se prestasse a recolhel-os alguma embarcação que passasse.

Não foi entretanto nenhuma dessas circunstancias que os libertou do seu presidio.

Angela scismava onde podia estar Summer, — provavelmente a bordo do navio desmantelado. Felizmente, ella atirára fóra todo o *whisky* ordinario que havia a bordo.

Esperava bem que não lhe houvesse escapado uma só garrafa. Que horror seria tornar a ter deante dos olhos a figura miseranda que fôra encontrar em Honolulu ! Summer tinha-se deixado gradualmente baixar ao nivel dos larapios de praia, trabalhando apenas uma vez por outra, e fazendo ponto permanente nos antros de peior especie que orlavam a beira do cáes. Era então um homem azedo e triste. Não perdoava a Angela ter descrido delle, e afastada agora a possibilidade de algum dia a chamar sua, não consentira que em si subsistisse nada do que nelle havia ainda de melhor.

Nada, senão o engolfamento quotidiano do seu desapontamento no pessimo whisky propinado pelos indigenas. Para os homens, ha sempre essa appellação. E assim sem se importar, deixára-se resvalar mais e mais, a ponto de só a voz do amor o ter apontado a Angela no dia em que ella descera naquelle remoto porto do Universo, esperançada em salval-o ainda.

—Vim aqui a negocio... dissera-lhe — a negocio da firma.

Apatetado, indifferente, elle acceitava essa declaração por verdadeira.

— Tenho um grande prazer em tornal-o a ver, John: suba ao meu hotel, e vamos conversar, sim ?

O homem corou, um pouco de raiva, um pouco de vergonha.

— Tão depressa possa, pagar-lhe-hei o resto que lhe devo, — murmurou, propositadamente fingindo que a não entendia.— Mas para isso não haverá necessidade de que eu a visite, nem de que a senhora tolere a companhia de um miseravel, um ladrão, como eu !

Angela corou por seu turno ante a brutalidade da resposta, mas cerrou os pulsos pensos ao longo do corpo, e fortaleceu-se mais uma vez em seu proposito de salvar o homem que amava. Não se daria assim por vencida, ante aquelle primeiro repudio.

— Não quero dinheiro algum de si, John, — disse Angela sem se alterar. — Quem soffreu o prejuizo foi o Sr. Marvin, e não eu. O senhor o embolsará, se puder. Mas preciso do seu auxilio, John. Preciso seguir para Appua. Quer levar-me até lá ? Peço-lh'o por tudo... pôr tudo o que lá vae ! Sentir-me-ei mais tranquilla a seu lado do que com toda uma tripulação indigena, e posso pagar-lhe bem, John. Acceita levar-me no seu navio ?

O homem gaguejara uma recusa, mas ante a desalentada expressão que ella não pudera dissimular, mudára de resolução e declarara que sim, que a levaria.

Angela levantou-se uma vez mais para olhar pela janella. Estava-se fazendo es-

curo, e começava a assaltal-a o medo. Toda a viagem, elle a passara numa embriaguez constante, e o seu azedume, o seu resentimento contra ella só pareciam ter augmentado. Acaso podia confiar em que elle fosse bom, em que a protegesse contra si mesmo, agora que estavam ali os dois, inteiramente sós ? Perpassou-lhe no corpo um arrepio, e os seus pensamentos retomaram o fio interrompido.

O momento critico sobreviera numa occasião em que — desta vez, por mercê de Deus — elle estava recolhido ao seu camarote, vencido pelo estupor da embriaguez. Com uma calma e coragem extraordinarias, Angela ordenara aos Kanakas da tripulação que abandonassem o navio nos escaleres. Nem ella comprehendia como o tinha feito, mas o certo é que o fizera, e os indigenas tinham-se retirado um pouco aterrados pelo seu modo, mas tranquillisados pela somma de dinheiro com que ella os subornara. O que viera depois, puzera em jogo quanto lhe restava de coragem e de força de vontade, mas não recuara, apezar disso.

Ao approximarem-se da pequena ilha de Appua, o seu coração estremecera de terror. E se os dois se afogassem ! Ou, peior, se um delles se afogasse, ou ficasse horrivelmente mutilado, para sempre ! Que importa ! Havia que correr o risco ! Era melhor morrer de uma vez, a continuarem a viver como estavam vivendo. Angela não cogitou da ethica do lance. Todos os reformadores, de resto, são assim um pouco tresloucados como ella, e demais a mais ardia-lhe no cerebro a alva chamma do sacrificio. Essa chamma obliterara-lhe quiçá a razão, mas a emoção foi sempre, através as idades, um poder mais forte que o raciocionio, e essa desesperada solução era a unica que lhe apparecia como meio de reconduzir John Summers á sua dignidade perdida. A roda do leme estava nas suas mãos, e manejando-a, reconhecia nella um contacto conhecido. Tantas vezes, por ordem de seu pae, não ficara ella ao leme, em suas viagens ? Sabia pois muito bem o que tinha de fazer. Mas teria animo de levar a cabo o seu intento ? Atirou a cabeça para traz, e segurou com firmeza as maçanetas gastas da roda de commando. Pelo lado de boreste uma enfiada de rochedos levantavam acima da agua as suas pontas afiadas. Cerrou os dentes com força, e aprumou a proa na direcção da morte.

Do que apenas se lembrava, era do ruido secco do navio esbarrando na pedra, rasgando-se nas lanças do penhasco, e logo depois, a invasão da agua, e o casco a adernar tão subitamente para bombordo que o choque a atirou de roldão á amurada. Summer, ao que parece recobrara rapidamente os sentidos, pois logo acudira junto della. Com certeza elle a transportara por qualquer meio para terra, e a conduzira até á cabana. Tinha de tudo isso uma vaga consciencia, — tal uma pessoa que após uma anesthesia, apenas apprehende vagamente o que se fazia em volta. Assaltou-a um novo arrepio, e Summer barafustou pelo compartimento.

— A avaria é formidavel, — disse apprehensivo, e não ha mais a bordo um só daquelles maldictos Kanakas. Não posso atinar como foi que isto occorreu !

— Fui eu ! — respondeu resolutamente Angela — Mandei que a tripulação se retirasse nos escaleres, e atirei propositadamente o navio sobre os rochedos...

— Mas, Santo Deus ! — exclamou o marinheiro — Por que fez isso ?

—Para seu bem ! —foi a inesperada resposta.

— Não, não comprehendo...

— Porque te amo, Summer ! Porque quero que tu sejas um homem; porque quero que tu retomes consciencia de ti mesmo, e voltes ao logar que te pertence neste mundo ! Sim, porque te amo ! Porque quero admirar-te e respeitar-te tambem. Sei bem da terrivel ancia que te devora, John, mas quero ajudar-te a resistir-lhe... Estamos aqui inteiramente sós... Não ha onde se possa obter whisky a nenhum preço... Quero que luctes e que venças, que venças para sempre ! Eu serei o premio da tua victoria! Não achas que baste, porventura?

O homem, estarrecido de pasmo, limitou-se a pousar nella o olhar immovel, ao mesmo tempo que um turbilhão de emoções contrarias o tolhia de falar:

— Angela, — disse elle por fim, envergonhado — Angela, tu vales mais que todos os premios do mundo, e por Deus do Céo que vou tentar !

☆ ☆ ☆

Longe, bem longe, em São Francisco, um pobre velho solitario consumia-se á espera de noticias da unica filha que tinha. Recebera ha tempos um telegramma annunciando-a, sã e salva, em Honolulu, mas desde então nenhuma outra noticia lhe fôra ás mãos. E agora, tinha de mais a mais, algo de sensacional a communicar-lhe. O primeiro official que acompanhára Summer na ultima viagem que este fizera por conta da firma, confessára ter sido elle o autor do roubo dos dinheiros e documentos do navio.

Summer estava limpo de culpa ! Conferenciára a esse proposito com Marvin por varias vezes, e por fim o galhardo mancebo assentára que iria elle proprio a Honolulu, como portador da boa nova. O seu amor, o seu immenso amor sincero, punha acima da sua, a felicidade do seu idolo. Se Angela lhe preferisse outro homem, elle não seria obstaculo ao seu desejo. Era um tranquillo e apagado heroismo que tinha tanto de bello como de raro !

E assim foi que os dois refugiados da ilha, ao cabo de haverem pelejado e vencido a sua batalha, ás ultimas horas de uma tarde de verão, avistaram ao longe a silhueta de um navio. Escureceu, porém, antes que a embarcação alcançasse a pequena ilha, e a anciedade dos dois voluntarios exilados acabou por despedaçar todos os vinculos que os prendiam. Arquejantes, palpitantes, aguardaram na praia a lanchinha automovel, com as figuras que mal podiam distinguir, na penumbra do crepusculo.

Com grande espanto de ambos, a primeira pessoa que saltou na praia foi Lee Marvin.

— Ah, Sr. Lee ! — exclamou Angela, num pavor repentino — Que veiu fazer aqui? E papae como ficou ? ?

— Está tudo bem, Angela, — respondeu o viajante, a custo disfarçando a dôr que lhe causava o espectaculo d'aquelles dois entes, um junto do outro.

— Jim Macey foi preso e confessou ter roubado ao capitão Summer os documentos do navio e o dinheiro confiados á sua guarda. Peço-lhe desculpa, senhor — disse voltando-se para Summer — pelas minhas infundadas suspeitas, e annuncio-lhe que Marvin Filho tem um logar de commandante á sua espera em São Francisco, se o quizer acceitar.

Summer estendeu a mão, mas só pôde articular uma palavra: — Agradecido.

Angela, ainda menos loquaz, limitava-se a chorar, sem buscar sequer disfarçar suas lagrimas.

Antes, porém, que partissem d'aquella acolhedora ilha da regeneração, Summer chamou-a de parte, longe dos olhos de todos, e por mais que isso custasse a um marinheiro encouraçado como elle se dizia, ajoelhou aos pés da corajosa moça e beijou-lhe a fimbria do vestido com a mesma veneração com que o faria a um anjo do céo.

Mas Angela pousou-lhe a mão sobre a cabeça, e levantou-o do chão, entregando-lhe a fronte:

— Não me beijes o vestido, Summer: beija-me o rosto !

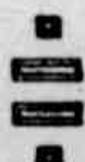
E Summer aninhando-lhe a cabeça no peito, sentiu bater-lhe o coração junto do seu.

MODERATO

PIANO

f *p* *mf* *f* *p* *mf* FIN

p cresc. poco a poco *f* *p*

cresc. *f* 8 *mf* cresc.

D. C. al FIN
y sigue el TRIO

TRIO

D. C.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MERCURIO (São Paulo) — O seu pseudonymo quasi dispensava o estudo graphologico.. .Todo o seu ser respira Mercurio, isto é, a sua bossa commercial sobrepõe-se-lhe a tudo. A conquista do milhão é o seu alvo na vida e parece constituir a essencia de um vago idealismo que se lhe descobre n alma... Tem consciencia disso e a sua vaidade parece não ter outro motivo senão o de sua força para o negocio.

A vontade é não só ambiciosa, como tenaz e intelligente.

Mas apezar desta ultima qualidade, que tambem lhe distingue o espirito e o cerebro, não póde fugir a essa tendencia colerica, que ás vezes, lhe transtorna o "capitulo". Predomina, porém, o trato lhano e affavel, é certo que com sinceridade. O seu coração... Ora, que póde ser um coração mercuriano?... Egoista, embora com rasgos esporadicos de altruismo... negocista.

PRINCIPE NEGRO (Rio) — Espirito que se esforça por ser methodico mas que nem sempre o consegue, pois, de quando em quando, lhe falta um pouco de ponderação. Todavia, consegue o sufficiente para satisfazer o seu amor proprio, que é grande e o leva a um constante apreço de si mesmo. E talvez por isso é frio e compenetrado sem ser, aliás, immodesto. E' materialista, sem embargo de alimentar um idealsinho que bem póde ser limitado a um tecto de lar domestico. Sua vontade é as vezes violenta mas não tem qualidades de persistencia. Adora o dinheiro e não cultiva muito a verdade por necessidade que tem de dissimular para melhor vencer. O seu coração é caritativo.

GENELLE (?) — Natureza exuberante, cheia de bizarrias, é certo que pouco espontaneas. Ha artificialidade na maior parte dos seus actos, das suas attitudes e até das suas palavras. Vê-se que ainda não se libertou de longa disciplina a que esteve submettida. Seus instinctos sensuaes são immensos. O seu espirito é orgulhoso e um tanto algido. Mas tem o coração sensivel ao soffrimento dos humildes.

LEONAM (Bello Horizonte) — Predomina em sua natureza o senso pratico, a despeito de alguns indicios sonhadores. A materialidade dos instinctos é tambem muito evidente. O espirito é um tanto contradictorio comsigo mesmo e principalmente com o meio em que vive. Sua apparencia é modesta, é mesmo simploria, mas não esconde uma cega confiança que tem em si.

A vontade é irregular, agindo muitas vezes de surpreza e tornando-se retardataria em outras opportunidades. Tem a virtude da paciencia e um pouco tambem da caridade.

AIDA (Rio) — Espirito recto comquanto muito florido e até... pittoresco. Ha nelle muita ingenuidade até mesmo na ambição que tem de brilhar, lançando mão de recursos literarios. Tem a vontade ambiciosa e bastante audaz, sem ter porém, a força correspondente á iniciativa.

E' extraordinariamente sonhadora. Vive constantemente embalada por uma doce fantasia. E' de trato ameno e delicado, mas o seu coração falha muito á bondade.

A. PASSION-FLOWER (São Paulo) — Temperamento caprichoso, pendendo para uma uma indifferença impropria, que se não explica senão por algum desgosto intimo ou alguma desillusão...

Entretanto sobra-lhe vontade e coragem para reagir e sonhar de novo. Parece ter muita perspicacia; na realidade, porém, póde ser facilmente enganada. E' uma questão de momento e de alguma labia de quem pretender a sua affeição. Tem sempre um ideal qualquer a realisar. Vaidosa mas de coração excellente.

HAROLD LLOYD (Rio) — Não precisa escrever mais para provar que é um audaz ou um grande vaidoso. Tambem póde ser ambas as cousas... Mas tem perspicacia bastante para dissimular e o faz continuamente para apparentar o que não é. Predomina o idealismo na sua personalidade; no entanto luta contra esse modo de ser e quer passar por homem pratico. Tem vontade irregularissima. Algumas vezes esconde-a para melhor levar a vida... E' expansivo quando não é sorumbatico... O coração, muito sensivel ao amor, tambem é philantrophico.

REGIN (Petropolis) — Na sua individualidade ha traços inconfundiveis de agitação de espirito e de luxuria. O espirito, inculto, possue, todavia, attractivos singulares predominando a ternura e mesmo a paixão. De vontade muito precaria, sabe vencer por certas attracções mysteriosas, ás quaes não é estranha a bondade cordial.

RODOLPHO VALENTINO (Torrinha) — O que mais se destaca na sua personalidade é a insignificancia espiritual. Preoccupa-se por demais com os seus negocios e nisso emprega toda a habilidade e teimosia de desejos. Parece ser muito liberal mas de facto é egoista. Sua vontade é subtil, porém, muito pertinaz.

LENTA M. T. (Florianopolis) — Espirito calmo e um tanto algido, menos quando está em opposição. E' pois, de contrariedade, não obstante sua apparencia discreta. Pouco idealismo. Apenas o necessario para encobrir a materialidade dos seus instinctos. Sua vontade é bastante decidida, obedecendo, porém, a um previo criterio. O coração é frio, mórmente em se tratando da virtude caritativa.

REYNALDO (Santos) — Gosta immensamente de dinheiro — é logo o que se nota. Mas, está longe de ser um "forreta". Gasta-o á larga, é verdade que comsigo mesmo, pois, de facto, é um emerito gosador. Tem uma alta habilidade para negocios, e tambem um certo pendor para as artes. Sua vontade é que falha. E o coração, regularmente bondoso, é um dos attractivos da sua personalidade.

S. S. (Rio) — Tem a mania das grandezas. Gosa com a illusão de que é um homem predestinado. Em parte, é isso um bem porque redunda em fé; mas é tambem mal porque lhe suggere a inacção... De facto, ha evidentes signaes de uma grande preguiça physica. Sua ingenuidade é proverbial e muitas vezes raia pela cretinice. Tem um coração muito duro: rebelde ao amor e á philantropia.